

MARGARITA ZAMORA
University of Wisconsin-Madison

Para uma Cartografia das Descobertas: Mapa / Viagem / Texto *

123

Explorando as relações entre a cartografia, a geografia, os textos náuticos, a literatura de peregrinação e os escritos de Cristóvão Colombo, propõe-se uma abordagem interdisciplinar para o estudo dos discursos do fenómeno do descobrimento e dos problemas epistemológicos e textuais concretos postos pelo Descobrimento da América.

Mais especificamente, se nos relatos que Colombo fez da primeira e da segunda viagens a ênfase recai sobre

as propriedades da escrita enquanto forma de registo, segundo uma estratégia narrativa aparentada à carta-portulano — em que a viagem se desenrola sintagmaticamente, progredindo de modo linear através da nova geografia —, a 'Relación' referente à terceira viagem oferece uma exegese das Descobertas recorrendo a uma interpretação dos seus espaços centrada no plano espiritual; ou seja, optando por uma abordagem da viagem de tipo paradigmático.

Num livro recente sobre a exploração e povoamento da Austrália, Paul Carter avança a ideia de que o que fizeram os que escreveram sobre as suas experiências nessas paragens não foi tanto relatar a viagem como construir uma geografia de natureza figurada em que ela surgisse dotada de sentido. Nessa conformidade, o referido autor demonstra seguidamente o modo como os espaços geográficos, antes não assinalados, passaram a existir como objectos de conhecimento, através de uma onomástica da exploração entendida como actividade metafórica:

A justificação para os testemunhos deixados pelo explorador residia em que, quer ele descobrisse alguma coisa quer não (caso encontrasse, digamos, objectos que já tivessem

(*) O presente ensaio é uma versão abreviada de um capítulo do meu livro *Reading Columbus* (Zamora, 1993), intitulado "Viagem ao Paraíso". Muita da investigação desenvolvida foi levada a cabo graças a uma bolsa atribuída pelo Cyril B. Nave Bequest da Universidade de Wisconsin para consultar as bibliotecas e arquivos de Portugal. Para além do Cyril B. Nave Bequest, gostaria de agradecer à Biblioteca da Marinha, à Biblioteca Nacional e à Biblioteca Municipal de Évora pelo generoso acesso que me facultaram às respectivas colecções.

nome), o relato que fizesse do seu percurso haveria de servir para trazer a terra em causa ao existir histórico; tratava-se de um equivalente metafórico, que de maneira figurada punha coisas afastadas entre si em relação umas com as outras. Neste sentido, viajar não era primordialmente uma actividade física, mas antes uma estratégia epistemológica, um modo de conhecer (Carter, 1987: 69).

Embora as preocupações de Carter se centrem na toponímia, a sua tese de que nestes textos os nomes funcionam como metáforas espaciais que conferem sentido à viagem afigura-se igualmente pertinente para outros aspectos das narrativas de viagens. A relevância da teoria de Carter para os objectivos que aqui me proponho perseguir reside sobretudo na sugestão de que os relatos das viagens são veículos retóricos para uma hermenêutica do espaço, para uma geo-grafia (a "escrita da terra") interpretativa que define a relação entre a terra antiga e a terra recém-descoberta ⁽¹⁾.

Vale a pena ter em mente qual era a expectativa de Colombo quando largou de Palos em 3 de Agosto de 1492: uma viagem por águas nunca antes cartografadas, em busca de terras cujas linhas costeiras se encontravam gravadas tanto nas linguagens do mito, da lenda, da profecia e do dogma religioso como nos traços concretos da pena do cartógrafo. Ao relembrar as razões que teriam levado o Almirante "a acreditar que poderia descobrir as Índias", o seu filho Fernando salientou o carácter especulativo da empresa, sublinhando o papel importante que as próprias interpretações de Colombo, informadas pela tradição náutica popular e pelas suas leituras na área das geografias clássica, árabe e cristã, desempenharam na criação e manutenção dessa crença (Colombo, 1947: 42). Sem dúvida que uma das tarefas mais prementes para Colombo seria a de co-relacionar com as noções geográficas do seu tempo todas as novas paragens do mundo que encontrasse, traçando para isso em cartas a rota seguida e registando toda e qualquer terra que fosse sendo descoberta. Enquanto empreendimento geográfico, contudo, as Descobertas tiveram, para além da dimensão empírica, uma importante dimensão interpretativa,

⁽¹⁾ Noção semelhante é a proposta por de Certeau em *The Practice of Everyday Life*, onde este autor sustenta que as histórias constituem "linguagens de espaço simbólicas". A minha preferência vai, aqui, para a formulação de Carter, devido à sua maior especificidade. A tese de de Certeau segundo a qual toda a história é uma história de viagem — "uma prática espacial" — apaga aquilo que para mim constitui uma distinção fundamental entre histórias sobre viagens e as que o não são (de Certeau, 1984).

pautando-se portanto por objectivos tanto de carácter ideológico como de natureza epistemológica. Paralelamente aos mapas e às cartas náuticas correspondentes a uma geografia funcional que explicava a maneira de se chegar ao longe e voltar, a escrita colombina, com a sua interpretação do significado da viagem, constituiu também uma resposta às exigências de uma geografia cultural de carácter predominantemente hermenêutico. Os textos que narram as Descobertas podem, pois, ser lidos como mapas verbais que delineiam de forma figurada as linhas costeiras, complementando e interpretando as cartas náuticas e os diários de bordo que traçavam o desenho da navegação e lhe marcavam os espaços.

Esta figuração textual do espaço, que é simultaneamente uma metáfora do mapa e um traçar metafórico, conferiu significado à geografia percorrida e à viagem por meio da qual esse espaço foi experienciado. Os escritos de Colombo descreveram um certo espaço e comunicaram a experiência mesma desse espaço, definindo desse modo uma forma de o compreender, de o imaginar e de com ele estabelecer relação. Ao dar o nome de São Salvador à ilha a que os índios chamavam Guanahaní, Colombo estava a praticar um acto de devoção pessoal ao mesmo tempo que oferecia uma interpretação do significado da travessia do Atlântico. A viagem textual transformava-se, assim, numa *imitatio Christi*, levada a cabo não apenas em nome de Cristo, mas exactamente segundo a maneira evangélica de viajar do próprio Jesus. Devotamente dedicada a Cristo, ela constituiu por outro lado, em sentido figurado, o primeiro passo de uma viagem milenarista que implicava levar a Palavra para além das fronteiras da Cristandade, até aos confins do mundo pagão. Na história da viagem, a chegada a São Salvador transforma-se numa sinédoque da própria viagem enquanto experiência apostólica do espaço tal como se descreve nas Escrituras. O nome que Colombo tomou para si, Christoferens, é como que o emblema de uma viagem empreendida não só em nome de Cristo, como também "à maneira de Cristo" (2).

(2) "Christoferens" significa segundo a maneira — de transportar, falar, suportar, divulgar — de Cristo (do latim *fero*, transportar, falar de, suportar, divulgar). A partir de 1501 Colombo passou a assinar os seus escritos com o nome "Christoferens". Para uma avaliação pormenorizada do contexto ideológico que, segundo Alain Milhou, explica o significado da assunção deste nome em particular, veja-se Milhou, 1983: 55-90.

Cartografias da Descoberta

126

As raízes etimológicas da geografia sugerem que se trata de uma ciência que nasceu da escrita — ou seja, que se trata de um modo de conhecer o mundo associado de forma muito íntima à produção de textos escritos. Hoje estamos habituados a pensar na geografia como um tipo de discurso cujo principal veículo de expressão não é a frase mas a linguagem pictográfica dos mapas. A cartografia foi, contudo, desde as suas origens na Antiguidade, passando pela Idade Média e até ao século XVI, simultaneamente um elemento acessório da escrita geográfica e um seu produto. Talvez porque lhes faltasse precisão técnica para “falarem por si mesmos”, os primeiros mapas serviam normalmente como imagens visuais destinadas a complementar as descrições verbais do mundo existentes em livros como a *Imago Mundi* de Pierre d’Ailly (de 1480 ou 1483), obra que o próprio Colombo possuía e que anotou profusamente⁽³⁾. Nesse tempo a cartografia não era uma forma de discurso geográfico independente e autónoma, mas antes uma arte da ilustração, supletiva da escrita geográfica. Com a ascensão do Cristianismo e da sua geografia dogmática, que privilegiava a autoridade da Sagrada Escritura sobre a observação empírica, a cartografia europeia tornou-se fundamentalmente uma prática hermenêutica, cuja finalidade era interpretar visualmente o significado espiritual do mundo físico tal como os ensinamentos cristãos o definiam.

Uma explanação breve acerca das consequências, para a cartografia, da ascensão da geografia cristã ajudará a clarificar esta ideia. Os mapas ptolomaicos organizavam o mundo segundo uma grelha. De forma trapezoidal, estes mapas não apresentam pontos focais, sendo centrados apenas de forma a permitir que a *oikoumene* ou ecúmena (o “mundo conhecido”) se estenda por inteiro dentro dos limites da grelha. Edgerton observa que no mapa ptolomaico nenhuma parte era objecto de especial destaque em função de um eventual significado ideológico. Era um mapa totalmente ecuménico e não-místico, que desvalorizava o centro ao mesmo tempo que acentuava o alastramento da grelha em todas as direcções a partir do perímetro (Edgerton, 1987: 36). A *Geografia* de Ptolomeu (Roma, 1478) só foi conhecida na Europa depois da década de 70 do século XV, e apesar

⁽³⁾ O texto de D’Ailly e as anotações de Colombo feitas à margem acham-se disponíveis numa edição bilingue em latim e francês (Buron, 1930). O exemplar pessoal de Colombo está guardado na Biblioteca Colombina, em Sevilha.

de ter exercido uma profunda influência no pensamento geográfico do declinar da Idade Média, a atitude de Colombo relativamente a ela caracterizou-se por um certo revisionismo, como veremos de seguida (cf. Nunn, 1924: 54-90).

A geografia cristã, por outro lado, colocou Jerusalém no centro do mundo, posição que era afinal reflexo do privilégio ideológico de que esta cidade gozava enquanto Centro da Fé. Quase sempre, os primeiros mapas cristãos pouco mais fizeram do que interpretar de maneira pictográfica e sistemática os ensinamentos da Igreja, apresentando Jerusalém como *umbilicus regionis totius* rodeada pela Ásia, pela Europa e pela África, todas dentro de um círculo ou *rota* que representava o oceano. Na extremidade superior destes mapas-mundo circulares, também conhecidos como mapas T-O (Fig. 1), situava-se, não o Norte, mas sim o Oriente, a direcção simbólica preferida, devido a acreditar-se que era aí que se localizava o Paraíso Terrestre⁽⁴⁾. A letra T, com os seus dois traços a cruzar-se em Jerusalém, representava os rios e mares que separavam os três continentes conhecidos. A orientação da imagem era na vertical, com o meridiano ideológico a ligar o centro — em Jerusalém — ao Paraíso Terrestre, situado no topo superior. Este mapa em

127

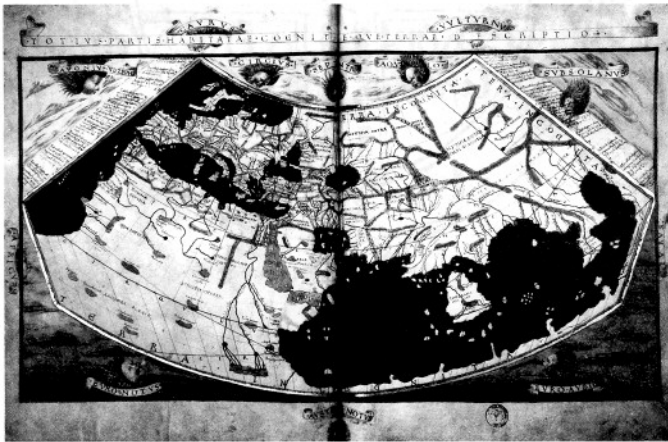


Fig. 1

⁽⁴⁾ Mapa T-O de Isidoro de Sevilha, in *Etymologiarum sive originum libri*, Augsburg, 1472. Cortesia da James Ford Bell Library, Universidade de Minnesota.

T-O é da autoria de Isidoro de Sevilha e pertence a uma edição de 1472 da *Etymologiae*. Pode encontrar-se uma versão mais trabalhada do modelo T-O no mapa de Ebstorf (c. 1240) que aqui se reproduz em *facsimile* (Fig. 2), onde se pode ver Jerusalém no centro, destacada por uma mancha em folha de ouro, e o Paraíso Terrestre no cimo (5). Uma característica única deste mapa consiste na representação da cabeça, das mãos e dos pés de Jesus nos quatro pontos cardeais. O simbolismo é claro: o mundo é o corpo crucificado de Cristo; Jerusalém, o umbigo; e os limites do mundo



Fig. 2

estão contidos e definidos pela própria envergadura do corpo de Cristo. Segundo Woodward, a função hermenêutica dos *mappaemundi* parece ter aumentado gradualmente em importância e complexidade. Não passando, inicialmente, de meras ilustrações de livros, estes mapas conheceram, nos

(5) Mapa-mundo de Ebstorf, c. 1240, versão facsimilada a cores. Cortesia da William L. Clements Library, Universidade de Michigan.

séculos XV e XVI, uma tendência no sentido de surgirem na primeira ou segunda página dos códices, reflectindo assim o papel crescentemente relevante que a cartografia passou a desempenhar ao facultar ao leitor uma antevisão ideológica do texto subsequente. De qualquer forma, a relação entre texto e mapa era efectivamente muito estreita, uma vez que o primeiro era visto como a fonte fiável aonde se tinham ido buscar as indicações utilizadas na elaboração do mapa, funcionando este, por seu turno, como figura do texto.

Neste aspecto, os mapas-mundo não diferiam muito desse outro género cartográfico medieval que era a carta-portulano. Ambos tinham uma relação muito estreita com a escrita geográfica, razão pela qual os respectivos modos de representação do objecto geográfico lançam luz, por analogia, sobre as modalidades de geografia textual e sobre a literatura de viagens que elas informam. A expressão "carta-portulano" proveio da palavra *portolano* e refere manuais de direcções manuscritos, que geralmente se considera serem precursores dos *roteiros* portugueses de finais do século XV e do século XVI (Cortesão, 1909). Estas cartas acompanhavam as indicações escritas que registavam os dados relativos a características costeiras, portos, ilhas, ventos, correntes, distâncias, etc., baseados no conhecimento prático adquirido através da navegação efectiva.

Actualmente, a maior parte dos estudiosos não tem dúvidas quanto ao facto de as informações escritas terem ditado o traçado dos mapas. O próprio Colombo sublinhou a natureza complementar dessa relação entre a escrita e a cartografia quando, no Prólogo do *Diário* da primeira navegação, anunciou orgulhosamente à Coroa que entregaria texto e mapas com a representação e confirmação das suas descobertas⁽⁶⁾. Esta concepção dupla da tarefa do geógrafo encontra-se expressa de forma ainda mais explícita do que na 'Relación' da terceira viagem, onde Colombo se refere às autoridades que consultou para formular as suas teorias geográficas chamando-lhes "aquellos qu'escibieron e situaron el mundo" (Colombo/Varela, 1984: 203). Antes de me deter sobre a geografia colombina na sua relação com a tradição geográfica que a informou, impõe-se, todavia, estabelecer uma comparação entre os dois géneros cartográficos em questão, de maneira a apontar algumas importantes diferenças ideológicas e formais existentes entre ambos.

⁽⁶⁾ Veja-se, por exemplo, o Prólogo ao *Diário* (Colombo/Varela, 1984: 17) e a "Carta da Terceira Viagem" (Colombo/Varela, 1984: 219).

Tony Campbell resume do seguinte modo as características principais da cartografia portulana: precisão espacial, realismo, e rigor histórico (Campbell, 1987: 371-463). As cartas náuticas mais antigas que chegaram até nós, atribuídas a cartógrafos genoveses do século XIII, já evidenciam a concepção materialista e não-espiritual do espaço que surge como típica deste género (7). Tanto o momento histórico em que proliferaram (desde finais do século XIII até ao início do século XVI) como as suas características formais sugerem que estas cartas eram desenhadas a fim de satisfazer as necessidades práticas dos navegadores e mercadores que se dedicavam à actividade comercial ao longo das costas do Atlântico na Europa e no Noroeste de África, bem como no Mediterrâneo e no mar Negro. Constando de uma única linha contínua, a cheio, elas traçam as características da linha da costa com uma precisão tal que até mesmo as cartas mais antigas se aproximam muito de perto das gravuras modernas alusivas ao mar Negro e ao Mediterrâneo. Ao observarmos as cartas que chegaram até aos nossos dias, como por exemplo a Carta de Canepa de 1489 (*Fig. 3*), não podemos deixar de nos espantar com a clareza e requinte com que se encontram representadas as suas intrincadas geografias costeiras (8). Há também fiadas de nomes de lugares, que ajudam a definir toponimicamente os contornos políticos e económicos da geografia em questão. O grau de importância política e económica era assinalado por variações na cor da tinta e pelo uso de bandeiras. Assim, a cartografia portulana foi simultaneamente uma resposta às mudanças históricas e à expansão do conhecimento hidrográfico. O seu alcance ia-se ampliando de forma contínua de maneira a integrar as novas descobertas, e os conteúdos conhecidos ia sendo revistos à medida que novas informações se iam tornando disponíveis.

Não obstante variarem consideravelmente quanto ao grau de pormenorização decorativa, as cartas-portulano evidenciam, por via de regra, um realismo austero no que concerne à geografia costeira que era seu principal objectivo retratar. Por norma, a decoração limitava-se às zonas interiores ou marginais do mapa, de reduzida informação geográfica. Os elementos decorativos parecem ter por função unicamente embelezar ou conferir destaque, ao invés do que sucedia nos

(7) Para uma excelente sùmula do desenvolvimento e significado da cartografia portulana, v. Fall, 1989: 23-39.

(8) Cortesia da James Ford Bell Library, Universidade de Minnesota.



Fig. 3

mapas-mundo cristãos, em que a decoração estava geralmente ao serviço de um simbolismo geográfico muito forte. Um dos aspectos mais interessantes destas cartas náuticas é talvez a inclusão, no Atlântico, de ilhas lendárias, que no entanto nem por isso deixam de estar desenhadas com o mesmo grau de certeza e segurança conferido às características hidrográficas confirmadas pela experiência efectiva. Nomes tão fabulosos como Legname, Corvi Marini, San Zorzi, ilhas de St. Brendan, ilha Brazil, e outros, aparecem nas proximidades de ilhas conhecidas como é o caso das Canárias e dos Açores.

Um exemplo particularmente curioso desta geografia insular imaginária encontra-se na Carta de Pizzigano, de 1424 (Fig. 4)⁽⁹⁾. De todas as cartas-portulano que chegaram até nós, este mapa em particular é um dos que apresenta menos elementos ornamentais. Quer o aspecto notoriamente

⁽⁹⁾ Carta-portulano ou carta náutica de Zuane Pizzigano, de 1424. Cortesia da James Ford Bell Library, Universidade de Minnesota.

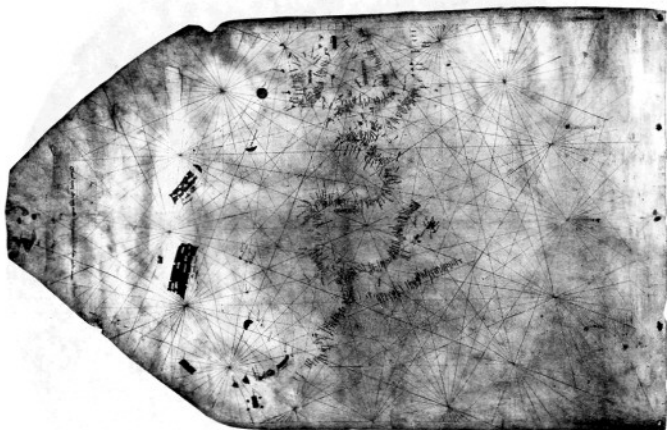


Fig. 4

funcional, quer o tamanho portátil, e até mesmo a maneira como era enrolado para efeito de armazenamento, sugerem que foi concebido para um uso prático e corrente e não para estar exposto. Note-se que ele situa no Atlântico Ocidental diversas ilhas lendárias (Antília, Satanazes, Brazil, Ymana, etc.). A Carta de Pizzigano foi, quase de certeza, criada para uso da navegação no Atlântico, já que apenas as costas deste e a parte mais ocidental do Mediterrâneo se encontram nela representadas. A Carta Canepa, a que já nos referimos anteriormente, sendo, do ponto de vista geográfico, tão completa e sofisticada como qualquer das suas contemporâneas, também retrata uma geografia insular lendária no Atlântico ⁽¹⁰⁾. Foi precisamente a crença na existência de tais ilhas que, segundo Fernando Colombo, levou o seu pai a acreditar na viabilidade da longa travessia oceânica. É bastante provável que Colombo se tenha servido de uma carta deste tipo para planejar e ilustrar junto da corte a navegação que se propunha empreender. Com efeito, o único desenho cartográfico que se conhece feito pela sua mão, da costa noroeste de Española (Haiti), tem o aspecto de um esboço preliminar para uma futura carta e parece nitidamente influenciado pelo funcionalismo, realismo e rigor dos portulanos (Morison, 1942: 286) ⁽¹¹⁾. O esboço em causa apresenta um

⁽¹⁰⁾ Carta-portulana ou carta náutica de Albino de Canepa, de 1489. Cortesia da James Ford Bell Library, Universidade de Minnesota.

⁽¹¹⁾ Existe na Bibliothèque Nationale de Paris uma carta-portulano cuja autoria já foi atribuída a Colombo, mas tal atribuição não é universalmente

estilo muito semelhante ao do mapa das Caraíbas aqui reproduzido (*Fig. 5*), cuja autoria se atribui a Peter Martyr (1511). Felizmente que também sobreviveu até nós uma descrição de um mapa das Descobertas elaborado por Colombo para a Coroa, descrição essa contida numa 'Carta Relación' relativa à segunda viagem e datada de Janeiro de 1494:

Verán Vuestras Altezas la tierra d'España y Africa y, en frente dellas, todas las yslas halladas y descubiertas este viaje y el otro; las rraias que ban en largo amuestran la ystancia de setentríon en ahustro. Los espaçios de cada rraia significan un grado, que e contado çinqueta y seis millas y dos terçios que rresponden destas nuestras leguas de la mar, catorze leguas e un sesto; y así pueden contar de ocidente a oriente como de setentríon en ahustro el dicho número de leguas... E para que podrán ver la distançia del camino ques d'España al comienço o fin de las Yndias, y verán en quál distançia las unas tierras de las otras rresponden, berán en la dicha carta una rraia que pasa de setentríon en austro, ques vermeja, y pasa por çima de la ysla Ysavela sobrel Tín d'España, allende del qual están las tierras descubiertas el otro viaje, y las otras de agora, de acá de la rraia, se entiende; y espero en Nuestro Señor que cada año mucho abremos de acreçentar en la pintura porque descubrirá continamente (Colombo, 1989: 451-52).

Aquilo que Colombo descreve é muito provavelmente um mapa do tipo portulano, semelhante a este mapa de Juan de la Costa datado de 1500, orientado para o Atlântico a partir das costas ocidentais da Europa e da África e que inclui toda a geografia insular recém-descoberta no oceano Atlântico, região essa que nas cartas náuticas anteriores aos Descobrimentos também aparecia representada mas apenas como hipótese possível. Da carta de Colombo parece terem constado linhas de latitude e longitude destinadas a facilitar o cálculo mais rigoroso das distâncias, bem como uma linha a vermelho que passava pela ilha Isabela, para assinalar a fronteira entre as descobertas da primeira e da segunda

aceite (Harley e Woodward, 1987: 452). Algumas observações presentes nos textos de Colombo sugerem ter este de facto elaborado ou mandado elaborar diversas "cartas de navegar". A este propósito veja-se, por exemplo, o 'prólogo' ao *Diário* (Colombo/Varela, 1984: 17), bem como as entradas do *Diário* referentes aos dias 25 de Setembro e 3 de Outubro (Colombo/Varela, 1984: 24, 26). Vários contemporâneos de Colombo afirmaram ter visto uma carta colombina da viagem a Paria, na parte continental da América do Sul. Entre estes conta-se o navegador e cartógrafo Alonso de Hojeda, que posteriormente capitaneou a expedição feita à mesma região, na qual também participou Vespúcio (Revelli, 1937: 227).



Fig. 5

viagens. Do mesmo modo que as cartas-portulano foram sendo ampliadas e evoluíram em resposta às novas informações entretanto adquiridas, também Colombo previu que a sua própria carta iria aumentando de ano para ano, à medida que se viessem a fazer novas descobertas.

Em contraste com o realismo do género portulano, o discurso cartográfico dos *mappaemundi* caracteriza-se pela sua dimensão figurada. Existe no mapa de Ebstorf que referimos atrás uma rubrica que ilustra este aspecto, fazendo salientar o significado anagógico da imagem: "Chamamos a um mapa um desenho, daí que um *mappamundi* seja um desenho do mundo" (Woodward, 1987: 287). O corpo de Jesus inscrito no mapa de Ebstorf é um exemplo particularmente elucidativo desta função: pode considerar-se, do ponto de vista icónico, que o disco que contém o mundo que por sua vez é contido pelo corpo de Jesus é a Hóstia, símbolo da comunhão de todas as nações no corpo de Cristo. Independentemente das informações geográficas concretas que ele possa conter, é evidente que a função primeira deste mapa é de carácter hermenêutico, uma vez que a representação da realidade geográfica se acha subordinada à promoção de uma interpretação específica do significado espiritual do mundo.

Os mapas-mundo parece terem igualmente desempenhado um papel muito importante nas motivações subjacentes às viagens de cariz religioso. O mapa de Haldingham,

que se encontra na catedral de Hereford, era periodicamente ampliado pelos seus autores, que lhe foram acrescentando nomes de lugares provindos de diversos itinerários sobre os quais os viajantes religiosos iam escrevendo. Tal facto faz crer que o mapa poderia ter servido dois objectivos ao mesmo tempo: um de tipo celebratório, que consistiria em deixar como que um registo das viagens efectivamente realizadas, e o objectivo retórico de incentivar o potencial viajante a empreender uma viagem semelhante, facultando-lhe um modelo para eventual emulação e planificação. Fosse qual fosse a finalidade dessas emendas, o mapa é, em si mesmo, uma figuração do significado e dos objectivos espirituais da viagem. Os mapas-mundo definiam uma geografia cujo carácter — essencialmente figurado, esquemático e a-histórico — dificilmente poderia servir as necessidades práticas do viajante no que diz respeito a orientações precisas, distâncias exactas, etc. Todavia, a promessa de redenção que proclamavam com o seu ordenamento metafórico dos espaços — por exemplo localizando no mesmo meridiano ideológico os destinos preferenciais de viagens reais ou místicas (Roma, Jerusalém e o Paraíso Terrestre) — constituía um incentivo aos viajantes para que se pusessem a caminho do seu destino, assim encarado como figura ou emblema da meta espiritual. Embora possam parecer absurdamente fantasistas aos olhos do observador moderno, estes mapas correspondiam aos objectivos para que eram concebidos: promover uma ideologia cristã do espaço e estimular viagens espirituais de tipo real e de tipo imaginativo que concretizassem essa ideologia através de uma experiência efectiva ou imaginária.

Não obstante a cartografia poder parecer o mais estático e atemporal dos discursos, os mapas são profundamente cronotópicos, representando o espaço-tempo (entendido como uma realidade espaço-temporal, a exemplo do que sucede na expressão “o fim do mundo”) por meio de uma imagem do mundo que é ideologicamente coerente. Isto não se torna difícil de ver no caso da cartografia portulana, cuja precisão toponímica é tal que normalmente permite calcular com considerável grau de rigor as coordenadas temporais em cartas não datadas. A geografia portulana inscreve-se num momento histórico concreto. Além disso, o realismo histórico e a especificidade destas cartas espelham a literalidade da carta-portulano e a precisão temporal do género mais tardio que são os roteiros. Lendo estes mapas em conjugação com

o registo escrito da viagem que se propunham complementar, a funcionalidade da sua dimensão temporal vai-se intensificando à medida que cada lugar do mapa adquire um valor temporal concreto relativamente a cada um dos outros pontos relevantes da trajetória. Desta perspectiva, cada lugar torna-se não só uma coordenada espaço-temporal da navegação, mas também um lugar efectivamente existente e dotado de um significado num dado momento histórico concreto. Os mapas-mundo são também, em geral, cronotópicos, embora de uma maneira muito própria. Em contraste com o funcionalismo e materialismo da carta-portulano, eles representam uma visão mística do espaço-tempo definida pela continuidade espacial entre a Terra e o Outro Mundo (Céu ou Inferno) e pelo contínuo temporal e sacro-secular que é a história da salvação. Nestes mapas, tempo e espaço surgem conceptualizados como sendo essencialmente ilimitados, confinados apenas pela figura de Cristo, cuja envergadura infinita e eterna define os contornos espaço-temporais do mapa de Ebstorf.

Ao longo de toda a Idade Média e inclusivamente até ao século XVIII, o termo *mappamundi* foi também usado para referir uma geografia — ou descrição — verbal do mundo, fazendo dissipar ainda mais a distinção entre texto e mapa. Ao implicar a ideia de que o texto geográfico é como um mapa, a aceitação metafórica do termo sugere que, da mesma maneira que a escrita ajudava a definir as imagens cartográficas, assim também os mapas influenciavam a formulação a dar aos campos espaço-temporais ao nível dos textos. Doravante, utilizarei a expressão “cartografia textual” como forma abreviada de traduzir a noção de que, desde a Idade Média até à época moderna, os mapas informaram os cronotopos dos escritos geográficos, da mesma maneira que os da cartografia foram informados pela escrita. Por outras palavras, proponho a ideia de que os escritos geográficos constroem o espaço-tempo muito à maneira do que o fazem os mapas, e avançarei especialmente a ideia de que as viagens textuais reflectem, no modo como expressam o espaço, as cartografias específicas que as informam⁽¹²⁾.

Há duas vantagens consideráveis em analisar os textos colombineiros sob esta perspectiva. Em primeiro lugar, o con-

(12) A expressão “cartografia textual” tomo-a de empréstimo a Tom Conley, 1989: 223-62.

ceber-se a imagem geo-gráfica como produto de um tipo específico de experiência facilita que se discuta a vertente epistemológica das Descobertas e a sua vertente de escrita como questões relacionadas entre si. Além disso, ao sugerir que mapa e texto são modalidades complementares e até mesmo indispensáveis para expressar a experiência da descoberta, estou a evocar uma estratégia de representação perfilhada pelo próprio Colombo.

Cartógrafo de profissão que foi, Colombo orgulhava-se das suas aptidões para a cartografia mesmo muito depois de os êxitos obtidos como marinheiro e descobridor lhe terem granjeado fama ⁽¹³⁾. Numa carta dirigida aos Reis Católicos, escrita em 1501, ele vangloriava-se dos dotes que Deus lhe dera: "A este mi deseo fallé a Nuestro Señor muy propicio y ove d'El para ello espíritu de inteligencia. En la marinería me fiso abondosa, de astrología me dio lo que abastava y ansí de geometría y arismética y ingenio en el ánima y manos para debusaer espera y en ella las çibdades, ríos y montañas, islas y puertos, todo en su propio sitio" (Colombo/Varela, 1984: 277). É óbvio que Colombo consultou mapas de vários tipos para planear e levar a cabo as suas navegações. Mas, como fez notar Revelli, é também bastante provável que a bordo das embarcações de Colombo existissem não só cartas-portulano do Atlântico Oriental como também mapas-mundo representando a geografia asiática ainda não tratada cartograficamente. De qualquer forma, as inúmeras alusões feitas por Colombo a cada um destes géneros cartográficos nos seus relatos das viagens confirmam que ele navegou levando na mente duas imagens cartográficas muito diferentes: por um lado uma de tipo portulano, por onde orientava a navegação, e por outro uma imagem hermenêutica que o ajudava a interpretar a natureza e o significado da nova geografia com que se ia defrontando:

⁽¹³⁾ Abundam as provas do envolvimento de Colombo no ofício de cartógrafo. Na *Historia general*, Oviedo explica ter o Almirante outrora ganho a vida desenhando cartas de navegar (Livro I, Capº IV). No Capº VII da sua *Vida del Almirante*, Fernando observa que uma vez o pai enviara a Toscanelli uma pequena esfera a fim de demonstrar as suas teorias geográficas. Com base na prova que constituem os próprios textos de Colombo, também Las Casas sublinha os dotes cartográficos deste. Paolo Revelli alude ao testemunho ocular de diversos contemporâneos que terão visto a carta-portulano de Colombo referente à terceira viagem. Hojeda, que parece ter-se servido das indicações de Colombo para efeito da viagem que empreendeu ao continente, referiu-se-lhe em termos de uma "carta de marear los rumbos y vientos por donde [Colombo] había llegado a la Paria" (Revelli, 1937: 227). Trata-se provavelmente da mesma carta que Colombo prometeu enviar à Coroa na "Relación del tercer viaje" (Colombo/Varela, 1984: 219).

Este día ovo mucha calma y después ventó, y fueron su camino al Gúeste hasta la noche. Iva hablando el Almirante con Martín Alonso Pinçón, capitán de la otra caravel Pinta, sobre una carta que le avía enbiado tres días avía a la caravela, donde, segund parece, tenía pintadas el Almirante ciertas islas por aquella mar, y dezía el Martín Alonso que estaban en aquella comarca, y respondía el Almirante que así le parecía a él; pero puesto que no oviesen dado con ellas lo devían de aver causado las corrientes, que siempre avían echado los navíos al Nordeste, y que no avían andado tanto como los pilotos dezían. Y estando en esto, díxole el Almirante que le enbiase la carta dicha, y enbiada con alguna cuerda, començo el Almirante a cartear en ella con su piloto y marineros.

Maravillóse en gran manera de ver tantas islas y tan altas y çertifica a los Reyes que desde las montañas que desde antier a visto por estas costas y las d'estas islas, que le parece que no las ay más altas en el mundo ni tan hermosas y claras, sin niebla y nieve, y al pie d'ellas grandíssimo fondo; y dize que cree que estas islas son aquellas innumerables que en los mapamundos en fin de Oriente se ponen. Y dixo que creía que avía grandísimas riquezas y piedras preçiosas y espeçería en ellas, y que duran mucho al Sur y se ensanchan a toda parte. Púsoles nombre la mar de Nuestra Señora. Dize tantas y tales cosas de la fertilidad y hermosura y altura d'estas islas que halló en este puerto, que dize a los Reyes que no se maravillen de encareçellas tanto, porque les çertifica que cree que no dize la çentíssima parte: algunas d'ellas que parecía que llegan al çielo y hechas como puntas de diamantes (Colombo/Varela, 1984: 24, 57-58).

Com os paradigmas cartográficos medievais acima descritos não se pretende chegar a um inventário do "atlas" pessoal de Colombo, mas antes oferecer como que uma panorâmica dos modelos conceptuais que o genovês tinha ao seu dispor com vista a expressar os espaços geográficos. Estes dois passos do *Diário* exemplificam bem a transformação que ocorre no discurso das Descobertas quando temos diferentes géneros cartográficos a informar a representação das novas terras. Ambos os passos se referem à mesma geografia insular. No primeiro, porém, a formulação é informada por uma cartografia de portulano de natureza prática, semelhante à da carta em que o Almirante ia traçando o rumo da sua armada com a finalidade de avistar terra. No segundo passo, Colombo relata à Coroa a sua interpretação do significado e do valor da geografia que conheceu através da sua vivência pessoal. As ilhas em questão identificam-se com as que muitos mapas-mundo

situam no extremo do Oriente (e.g. o mapa de Giovanni Leardo, de 1452). Elas são, por isso, dotadas das inflexões poéticas e espirituais que caracterizam o discurso geográfico orientalista de inspiração cristã. São ilhas de uma inefável riqueza, beleza e fertilidade. É de tal ordem extraordinária esta experiência, que as palavras só por si não bastam. Daí que o estilo colombino assuma desde logo um cariz figurado, para traduzir o modo como as ilhas tomam a forma mística e metafórica de diamantes elevando-se em direcção ao céu. O seu valor espiritual acha-se simbolicamente inscrito no nome Mar de Nuestra Señora, praticando assim Colombo uma cartografia onomástica que traça a rota da viagem através de uma topografia cristã de carácter figurado e que assinala a continuidade entre este mundo e o próximo.

Na parte restante deste ensaio gostaria de analisar mais de perto a maneira como os paradigmas cartográficos associados à exploração comercial e às peregrinações — ou seja, a carta-portulano e os *mappaemundi* cristãos — informam a formulação dada por Colombo para o acto da descoberta.

Samuel Eliot Morison, no seguimento de Las Casas e de Fernando Colombo, chamou a atenção para a importância do precedente estabelecido pelos Portugueses nos momentos iniciais da conceptualização e formulação de toda a empresa relacionada com as Índias⁽¹⁴⁾. Foi, no entanto, Las Casas quem contribuiu com aquela que é talvez a prova mais forte da ideia de que as primeiras explorações levadas a cabo por Portugal no Atlântico Oriental não só foram intelectualmente decisivas para o empreendimento levado a cabo por Colombo como também lhe conferiram a sua motivação prática. Segundo conta aquele autor na *Historia de las Indias* (Livro I, Capº 13), a história ouvida por Colombo ao piloto português Pedro de Velasco a propósito das terras que este avistara a oeste da Irlanda terá constituído um estímulo decisivo para a realização da primeira viagem. Os biógrafos têm chamado frequentemente a atenção para a relação existente entre os anos que Colombo passou em Portugal (1478-c. 1485), os serviços que prestou no âmbito das expedições comerciais portuguesas ao longo do litoral africano em busca de um caminho marítimo para a Índia pelo oriente, e a sua ideia de navegar para oeste como forma de alcançar mais rapidamente esse mesmo destino. Morison,

A exploração marítima

(14) V. Morison, 1940 e 1955, e ainda Teixeira da Mota, 1987.

em particular, salientou o conhecimento das correntes e dos ventos de oeste, um conhecimento que Colombo terá adquirido nessas viagens africanas para posteriormente transformar em êxito aquilo em que outros haviam antes falhado: a travessia do Atlântico. É, todavia, surpreendente a pouca atenção que os escritos portugueses associados às explorações navais e ao comércio marítimo têm merecido, em vista da sua relevância para a formulação que Colombo haveria de dar às suas viagens às "Índias". A investigação académica em torno das Descobertas tem preferido, por via de regra, ignorar o importante lugar ocupado pelos textos colombinos na história da literatura de viagens, mesmo quando se debruça sobre o contributo destes para a história das viagens.

João Rocha Pinto mostrou que a literatura das viagens marítimas dos Portugueses da chamada "Época dos Descobrimentos", sensivelmente coincidente com os séculos XVI e XVII, empregou toda uma variedade de formas: desde meras listas e de escritos de carácter altamente técnico (como por exemplo simples manuais de direcções, roteiros, guias de navegação, etc.), preocupados com a navegação enquanto movimento ou deslocação no espaço, até formas de índole mais narrativa e descritiva (como sejam relações, textos epistolares, diários de viagem, etc.), centradas na viagem enquanto experiência. Rocha Pinto avança a ideia de que as formas mais antigas colocavam a ênfase nos aspectos espaciais da viagem, evoluindo posteriormente para a mais vincadamente temporal das formas, o *diário de bordo*, género que em sua opinião só terá feito o seu aparecimento em meados do século XVI.

Uma breve visão panorâmica dos textos com que Rocha Pinto trabalhou ajudar-nos-á a tornar estas distinções mais claras. Dos quinze textos que examinou, vários tinham a designação de "roteiros" nos respectivos títulos de origem. Não obstante a nomenclatura comum, é considerável aquilo que os distingue da forma mais estritamente técnica a partir da qual terão evoluído. Sendo originariamente manuais de navegação contendo indicações técnicas muito concretas respeitantes à rota a seguir, aspectos de natureza astronómica, referências a ventos e correntes, leituras da bússola, características da costa, etc., alguns roteiros de certas viagens específicas (como é o caso do "Roteiro da viagem que Dom João de Castro fez a primeira vez que foi a Índia

no ano de 1538") começaram a seguir uma cronologia sistemática no registo que faziam da viagem. Em contraste com estes, os roteiros mais tradicionais — como o "derrotero general" espanhol constante do *Espejo de navegantes* de Alonso de Chaves (c. 1537), a que se chamou carta náutica em prosa —, eram praticamente desprovidos de elementos temporais. À semelhança das cartas que acompanhavam, a bordo das embarcações, os roteiros tradicionais (como os recolhidos por G. Pereira em 1898) serviam as necessidades práticas dos navegadores no que se referia ao traçado das coordenadas da rota e aos contornos da geografia atravessada. Esta natureza eminentemente prática, aliada ao carácter sistemático e pormenorizado das entradas, define um rigoroso mapa verbal da navegação empreendida, que faz com que cada lugar do itinerário ganhe significado em relação à trajectória da viagem no seu todo.

A temporalização do espaço nos escritos originados pelas viagens de exploração marítima ficou totalmente completa por volta dos finais do século XVI, como transparece das instruções deixadas por Adriaen Veen para a composição de um roteiro (1597). Entre os componentes essenciais do género, este autor enumera o registo do ano, mês, dia, hora, bem como todas as transições intermédias — ou seja, o passar das unidades de tempo tradicionais (como por exemplo a passagem de antes para depois do meio-dia) ⁽¹⁵⁾.

Se por um lado Rocha Pinto parece ter razão quando afirma que o rigor cronológico só foi introduzido na literatura náutica europeia num período mais tardio do século XVI, tal não significa necessariamente que até isso se ter verificado aquela literatura não se mostrasse sensível aos aspectos do tempo. A narrativa é uma forma de escrita intrínseca e intensamente temporal, porquanto estabelece sequências e relações significativas entre séries determinadas de acontecimentos ou de experiências. De facto, os mais antigos roteiros das explorações portuguesas no Atlântico africano chegados até nós, e que datam de finais do século XV, apresentam-se essencialmente desprovidos de temporalidade. A verdade, no entanto, é que normalmente não pretendiam ser registos de viagens marítimas concretas, mas sim direcções a seguir por outros navegadores no futuro.

⁽¹⁵⁾ Para um breve sùmula das instruções de Veen, veja-se Rocha Pinto, 1989: 64-65.

O texto narrativo é, com efeito, uma mercadoria rara entre os primeiros escritos relativos às explorações marítimas europeias. Os textos náuticos portugueses mais antigos — como o que dá pelo nome de 'Este livro é de rotear...', recolhido por Valentim Fernandes nos princípios do século XVI, ou o 'Roteiro de Flandres', recolhido ainda nesse século por João de Lisboa no seu *Livro de Marinharia* — lançam mão de recursos narrativos bastante rudimentares para representarem a sucessão de fenómenos geográficos e hidrográficos mais relevantes. O mesmo se pode dizer do mais antigo roteiro francês chegado aos nossos dias, escrito por Pierre Garcie em 1483-84⁽¹⁶⁾. Chamar-lhes narrativas, contudo, seria forçar os limites da definição até ao ponto de ruptura. No entanto, existem, entre os escritos mais antigos relacionados com as viagens portuguesas de exploração do litoral africano, exemplos importantes da narrativização (e portanto da temporalização) da escrita marítima, uma característica que é de facto fundamental a qualquer literatura de viagens cuja finalidade seja, mais do que descrever a existência de um espaço geográfico exterior à pessoa do escritor, relatar a experiência deste enquanto sujeito⁽¹⁷⁾. A recolha de Valentim Fernandes (c. 1506-08) contém descrições e uma crónica das descobertas africanas. Quer na obra *Esmeraldo de situ orbis* (c. 1505-08), de Duarte Pacheco Pereira, quer nos relatos do século XV da autoria de dois italianos que navegaram com os Portugueses até terras de África — Luís de Cadamosto (c. 1455) e Antonioto Usodimare (c. 1455), encontramos representados, não apenas os contornos físicos do espaço em questão, como também, e principalmente, a experiência que o sujeito tem desse espaço⁽¹⁸⁾.

O *Esmeraldo* é um caso particularmente interessante, porque muito embora tenha sido descrito como sendo antes de mais um roteiro, de facto o seu autor combina uma

⁽¹⁶⁾ O texto, que só foi impresso nos começos de Quinhentos, é descrito por David W. Waters como "uma peça notável pelas suas características de objectividade, factualidade e cientificidade" (Waters, 1967: 9).

⁽¹⁷⁾ Campbell aponta um contraste interessante entre o *Diário* de Colombo, o qual acentua os aspectos psicológicos da descrição, e o relato que Marco Polo faz das suas viagens pelo Extremo Oriente (texto que Colombo leu e anotou profusamente), em que a descrição assume uma forma anunciativa (Campbell, 1988: 194).

⁽¹⁸⁾ Pacheco Pereira, 1892. Relativamente às 'Navegações' de Cadamosto e à 'Carta' de Usodimare, v. García (org.), s/d: 73-146. O relato de Cadamosto foi publicado pela primeira vez em 1507; o de Usodimare, apenas em 1802.

variedade de géneros, de maneira a constituir o espaço em causa através da experiência que o sujeito tem do mar e da paisagem. É assim que esta obra se presta a ser lida da forma mais variada: como história, como um tratado de cosmografia, como um livro de marinharia, como descrição etnográfica, ou como um diário de natureza comercial, géneros que se viram assim, todos eles, incorporados na estrutura básica desse guia náutico ou roteiro ⁽¹⁹⁾. Nem sempre é claro até que ponto Pacheco Pereira relata experiências pessoais de viagens suas ou se se serve de relatos em segunda-mão. O que é absolutamente manifesto, no entanto, é que no *Esmeraldo* a atemporalidade e a estrita objectividade que costumavam ser apanágio do roteiro foram subjectivadas de maneira a representar a geografia em questão mediada pela intervenção da consciência humana que lhe confere significado ⁽²⁰⁾.

A crescente tendência no sentido de temporalizar o espaço teve implicações profundas para a relação das viagens de exploração com o saber e para a própria exploração marítima enquanto fenómeno epistemológico ⁽²¹⁾. Tal tendência representou uma mudança através da qual se passou do registo escrito da viagem — visto como forma de cartografar ou assinalar as fronteiras de um espaço desconhecido — para a história da viagem enquanto sequência narrativa de acontecimentos (ou seja, enquanto fenómeno histórico). Além disso, a referida tendência significou ainda que a escrita das viagens de exploração marítima se tornara uma maneira de transmitir a experiência do espaço (no tempo) vivida pelo explorador, isto é, uma maneira de este se familiarizar com um espaço anteriormente desconhecido, de com ele interagir, de o conhecer ⁽²²⁾. Em última análise, a temporalização do espaço na escrita das viagens de explo-

⁽¹⁹⁾ No prólogo do *Esmeraldo*, Pacheco Pereira definiu a sua obra como sendo um livro sobre "cosmografia e marinharia", mas que versava igualmente "a natureza da gente desta ethiopia & do seu modo de viver & asy direi do comercio que nesta terra pode haver" (4).

⁽²⁰⁾ Não é provável que estas narrativas de viagens do século XVI hajam sido influenciadas pelo *Diário* ou pela respectiva fonte, pois não há dúvida de que estes, devido a razões de segurança, não conheceram circulação. Tanto o *Diário* como a *Historia de las Indias*, a qual contém muitas e longas citações retiradas daquele, só foram publicados no século XIX.

⁽²¹⁾ Para um estudo da tendência para temporalizar as relações espaciais ocorrida no âmbito do desenvolvimento das teorias científicas do espaço, veja-se Amorim, 1984: 259-70.

⁽²²⁾ A temporalização do espaço foi, como é óbvio, uma ocorrência frequente no contexto da escrita histórica. Mas nos escritos das viagens de navegação decorridas no final do século XV e no século XVI tratou-se, claramente, de um fenómeno novo.

ração marítima conferiu a essa escrita uma feição inteiramente cronotópica, transformando-a assim de discurso técnico em discurso cultural.

Os valores cronotópicos que caracterizam a cartografia dos portulanos — a precisão espacial, o realismo e o rigor no tratamento do tempo — encontram os seus correspondentes textuais nos roteiros, nos diários de bordo e nas relações da Época dos Descobrimentos. Da mesma maneira que a exploração marítima levou à produção de mapas que definiam os contornos históricos e físicos de espaços até então desconhecidos, também estes textos levaram à constituição de todo um campo espaço-temporal que dava sentido à experiência inaudita vivida pelo viajante através da nova geografia. Dos documentos que sobreviveram até aos nossos dias, o relato que Luís de Cadamosto (1433-77) nos deixou sobre as viagens que empreendeu integrado em expedições portuguesas à Guiné em meados do século XV é, talvez, o mais antigo registo náutico com as características acima descritas. No prólogo à narrativa da viagem propriamente dita, Cadamosto explica o porquê de escrever: registar as suas experiências do Oceano desconhecido e das terras da “Baixa Etiópia” situadas para além do estreito de Gibraltar e nunca antes visitadas (por europeus). No relato que faz, as novas terras são comparadas com o mundo que os seus leitores conhecem bem, para que, conforme diz, os seus descendentes possam entender as razões que o levaram a buscar coisas diversas em novas e diferentes paragens. Lendo-se um pouco mais, torna-se claro que a “descoberta” de Cadamosto é motivada *simultaneamente* pela curiosidade (o desejo de ver as maravilhas das terras e povos estranhos) e pela promessa de lucro económico (as especiarias, o ouro e outras coisas valiosas potencialmente à espera de ser encontradas). A experiência da descoberta é inscrita por Cadamosto nos discursos do mercantilismo e da exploração, e estruturada por uma viagem cujo campo espaço-temporal surge representado do modo mais realista possível. Quanto ao texto em si, caracteriza-se por uma linguagem pragmática, materialista e de pendor quantitativo, que tenta transmitir a experiência de uma maneira específica, concreta e objectiva ⁽²³⁾.

⁽²³⁾ Foi atribuída a Cadamosto a composição da mais antiga carta-portulano existente, impressa em Veneza no ano de 1490.

Basta um simples olhar rápido sobre a sinopse tipológica da literatura de viagens portuguesa empreendida por Rocha Pinto para facilmente se reconhecer a filiação dos escritos colombinos. Resulta daí claro que os modelos que Colombo teria mais imediatamente em mente no que se refere aos géneros seriam aqueles com que se terá familiarizado quando a bordo das embarcações mercantis portuguesas, ou aquando do seu envolvimento em outras actividades relacionadas com as suas viagens africanas da década de 70 do século XV, ou talvez até na década anterior, quando se dedicava com seu irmão Bartolomeu à produção cartográfica, em Lisboa. A sogra de Colombo, portuguesa, terá sido, de acordo com o testemunho de Fernando, uma das primeiras fontes para os escritos náuticos, cartas e mapas colocados ao dispor do futuro Almirante do Mar Oceano. O falecido marido de Dona Isabel, Bartolomeu Perestrelo, fora capitão da ilha de Porto Santo, no arquipélago da Madeira. Segundo Fernando, a colecção de cartas e textos náuticos pertencente a Bartolomeu Perestrelo foi oferecida a Colombo por Dona Isabel ao saber do seu interesse pela navegação. Não deverá, por isso, causar surpresa o facto de a escrita colombina evidenciar características presentes em géneros náuticos de índole técnica como são o roteiro, o livro de marinaria e o livro de armação. Porventura mais inesperados são os fortes traços narrativos e descritivos que ligam os textos de Colombo a formas como as relações, o género epistolar, as memórias, os diários, etc., pois estas só viriam a florescer posteriormente à "Época das Descobertas" (24). A escrita colombina assume ainda diversas formas jurídicas (como sejam contratos, testamentos, instruções, petições, etc.), formas essas que, embora não sendo utilizadas para narrar a experiência da viagem propriamente dita, terão funcionado como complemento da pragmática e da ideologia das viagens e contribuído para dar expressão à empresa mais vasta que foram as Descobertas.

Poder-se-ia descrever a primeira viagem, tal como vem contada no *Diário*, como uma forma híbrida combinando elementos característicos de géneros tais como o roteiro, a relação, as memórias e o diário de bordo, nela se mistu-

(24) Os roteiros continham indicações concretas e pormenorizadas para a navegação, incluindo informação respeitante a acidentes costeiros, profundidades, baixios, correntes, etc. Os livros de marinaria eram "compilações heterogêneas resultantes de apontamentos acumulados pelos pilotos com vista a registar toda a informação eventualmente útil para a prática da sua profissão" (Guedes e Lombardi, 1990: 227).

rando, muitas vezes de maneira inextricável, as linguagens mais ou menos técnicas da náutica, da geografia, da economia, da etnografia, da esfera jurídica, e da religião ⁽²⁵⁾. Duas outras versões dessa viagem encontram-se na 'Carta a Santángel' (de 15 de Fevereiro de 1493) e na 'Carta de 4 de Março de 1493'. Ambos os relatos — de resto também bastante semelhantes entre si — apresentam muito em comum com o *Diário*. No entanto, têm uma filiação manifestamente diferente deste, porquanto os elementos náuticos de natureza técnica e a estrita cronologia que antes de mais o caracterizam são neles preteridos por um conteúdo descritivo de carácter geral ⁽²⁶⁾. O tom e o estilo destas cartas são claramente de natureza epistolar e pessoal, dirigindo-se a um leitor não-especialista. O seu objectivo primeiro parece ser propagandístico, ao anunciar triunfalmente a conclusão da viagem salientando os seus aspectos mais notórios em detrimento dos de natureza técnica. Além disso, a carta de 4 de Março contém, nos últimos parágrafos, um conjunto de petições dirigidas à Coroa, que não são mencionadas na carta a Santángel.

A publicação recente do *Libro Copiador*, de Colombo, veio pôr à disposição dos leitores modernos, pela primeira vez, relatos da segunda viagem (1493-96) ⁽²⁷⁾. Trata-se de quatro *relaciones* — datadas de Janeiro de 1494, 20 de Abril de 1494, 26 de Fevereiro de 1495 e 15 de Outubro de 1495 — dirigidas aos monarcas Fernando e Isabel e dando conta da navegação e principalmente da subsequente exploração do interior da ilha de Española e das vizinhas Cuba e Jamaica. Os textos em causa constituem exemplos clássicos do seu género, registando com apreciável pormenor os pensamentos e as experiências de Colombo com relação ao estabele-

⁽²⁵⁾ A invulgar natureza híbrida do *Diário* sugere a ideia de possivelmente se tratar de uma amálgama de tipos de textos variados, originariamente escritos a bordo e posteriormente sintetizados por Colombo no todo que seria o "Libro de su primera navegación y descubrimiento", que Las Casas transformaria naquilo que hoje conhecemos por *Diário*. Sob este aspecto faz lembrar o *Esmeraldo* de Pacheco Pereira e as 'Navegações' de Cadamosto, a nenhum dos quais, porém, Colombo poderia ter tido acesso antes de 1492-93.

⁽²⁶⁾ Persiste alguma controvérsia em torno da autoria deste texto em particular (o qual existe também numa versão quase idêntica e dirigida a Rafael [sic, em vez de Gabriel] Sánchez). Demetrio Ramos Pérez defende convincentemente a ideia de que a carta em questão é produto, pelo menos em parte, de uma certa propaganda oficial que se terá vindo acrescentar à pena de Colombo.

⁽²⁷⁾ Colombo/Rumeu de Armas, 1989: 447-541. Antes da publicação desta obra, os únicos relatos da segunda viagem baseados em testemunhas presenciais eram os de Michele de Cuneo (um velho amigo de Colombo) e do Dr. Diego Alvarez Chanca (médico da expedição), que integraram a armada no ano de 1493.

cimento da colónia de Española, à exploração dos índios e da riqueza natural da ilha, à permanente demanda do império do Grande Cão, às relações vigentes no seio dos cristãos e entre estes e os índios (incluindo a captura do cacique Cahonaboa e as subsequentes escaramuças entre o seu povo e os Espanhóis), ao fim fatídico de La Navidad e muito particularmente à obsessiva procura de ouro, etc. Outro texto igualmente chegado até nós é a 'Instrucción a Mosén Pedro Margarite' (de 9 de Abril de 1494), enviada por Colombo ao chefe de um destacamento encarregado de fazer o reconhecimento do interior da ilha de Española⁽²⁸⁾. As instruções a este Margarite são idênticas às que o próprio Colombo recebeu da Coroa para cada uma das suas viagens⁽²⁹⁾, dando ordens específicas e explicitando a maneira de as levar à prática.

A terceira viagem encontra-se narrada sobretudo na 'Relación del tercer viaje' e num segmento (referente ao período de 30 de Maio a 31 de Agosto de 1498) pertencente a um diário da mesma viagem, entretanto perdido, inserido por Las Casas na sua *Historia*. Igualmente relevantes para esta viagem são a 'Carta a doña Juana de la Torre' (c. Outono de 1500), governanta do príncipe don Juan, e a 'Carta a los Reyes' (1501), que é transcrita no *Libro de las profecías* e serve de introdução à mesma obra. Algumas partes da 'Relación' — uma epístola endereçada aos Reis Católicos — parecem provir do diário perdido transcrito por Las Casas, mas nela passa-se rapidamente do relato da navegação propriamente dita para uma defesa apaixonada dos feitos de Colombo e para uma interpretação, em jeito de tratado, do significado último da sua empresa. Transparece claramente a ideia de que a intenção primeira não é tanto relatar a viagem como interpretar-lhe o significado. As restantes cartas são peças extremamente controversas, nas quais Colombo tenta afirmar o mérito dos seus esforços e defender-se das acusações do crescente número dos seus detractores. Consideradas no seu todo, as cartas respeitantes à terceira viagem podem ser vistas simultaneamente

⁽²⁸⁾ Deste período, contam-se ainda três petições da autoria de Colombo: 'Memorial a Antonio Torres' (30 de Janeiro de 1494), 'Memorial de la Mejorada' (de Julho de 1497), e uma sem data, intitulada 'Memorial a los Reyes sobre la población de las Indias'. Juntamente com as relações, elas formam o testemunho mais completo que existe disponível sobre a política colonial para as Índias.

⁽²⁹⁾ Sobre o texto das instruções dadas a Colombo para a segunda e terceira viagens, veja-se Morison, 1963: 199-202 e 307-10, respectivamente.

como epístolas de carácter pessoal relatando a experiência de Colombo e como manifestos nos quais se procura recortar uma ideologia da descoberta que possibilite contextualizar e interpretar devidamente os feitos concretos do genovês. Desde a terceira viagem até ao fim da vida, e à medida que se foi cavando o conflito pessoal com a Coroa a propósito do seu desempenho passado e da questão dos seus títulos e privilégios, Colombo tornar-se-ia também bastante prolífero no tocante à produção de epístolas e de documentos jurídicos que completam os relatos das suas viagens.

Tomados no seu conjunto, estes textos deixam transparecer a imagem de um homem desiludido e perseguido, lutando para ser reconhecido por aquilo que conseguiu realizar e esforçando-se por pôr ordem nas suas coisas antes que a morte o alcance. É neste contexto que ganha coerência e sentido a chamada 'Lettera rarissima', ou 'Relación del cuarto viaje' (de 7 de Julho de 1503), a qual de outro modo, e dado o carácter anómalo aparentemente sugerido pelo título da versão italiana, poderá induzir o leitor em erro. Dirigida aos reis Isabel e Fernando, é escrita da Jamaica, onde o que restava da armada, depois de fustigada pela fúria dos mares, havia procurado abrigo ao cabo da mais difícil e perigosa das expedições de Colombo. O pretexto desta carta é fornecer um relatório da viagem, e daí que na aparência ela comece por se revestir do estilo judicioso e testemunhal próprio do género das *relações*, no entanto logo assume um tom marcadamente confessional e de queixume. Pode, por isso, ser, em rigor, caracterizada não tanto em termos de uma relação típica, mas mais como um pedido angustiado de reconhecimento e de justa compensação, apresentando a viagem como uma experiência mística eivada de fortes ressonâncias messiânicas e proféticas.

Neste contexto, o *Diário* da primeira viagem destaca-se como sendo, de entre o *corpus* colombino, o mais típico dos escritos náuticos sobre a exploração marítima. Não obstante a inegável intervenção de Las Casas na composição do texto que chegou até nós, torna-se evidente, a julgar pela sua estrutura básica e pela linguagem, que o *Diário* estava muito próximo, quer na forma quer na função, do género-roteiro⁽³⁰⁾. Relativamente aos primeiros quarenta e dois dias da viagem, o texto regista informações náuticas de natureza técnica

⁽³⁰⁾ As referências ao *Diário* feitas por Fernando Colombo na sua *Vida del Almirante* confirmam igualmente a filiação do texto neste género específico.

respeitantes ao rumo, velocidade, ventos, correntes e outros fenómenos marítimos relevantes para o seu bom êxito. Os dados referidos encontram-se organizados sob a forma de lista e divididos numa cronologia básica constando de entradas diárias. No entanto, o princípio organizativo predominante destes segmentos é de ordem espacial, respondendo assim à necessidade prática que era manter um registo preciso das distâncias que iam sendo percorridas pela armada. As subdivisões diárias traduzem, sem dúvida, a expectativa de que durante largos períodos de tempo a armada iria navegar sem avistar terra. A navegação no mar alto obrigava ao registo sistemático da localização tomando como referência pontos fixos. Numa época em que a navegação astronómica era, quando muito, uma ciência ainda em embrião, e dada a ausência de uma topografia que permitisse determinar a posição relativa, a única alternativa viável era utilizar o tempo transcorrido. Esse registo seria especialmente importante aquando da primeira viagem, uma vez que Colombo se propunha navegar por águas ainda não cartografadas e que a única orientação disponível para o percurso de regresso haveria por isso de residir nas suas próprias observações.

Porém, com a entrada de 11 de Outubro de 1492 — data em que foi avistada terra — o *Diário* passa a acentuar cada vez mais a dimensão temporal da viagem. Embora continue a registar o percurso feito, as entradas começam a focar os eventos da viagem enquanto experiência coerente da consciência individual do navegador-narrador. Assim, a entrada referente a cada dia que passa deixa de ser uma mera colecção de dados náuticos alusivos a um ou outro aspecto do itinerário, para passar a ser um campo espaço-temporal em que a viagem enquanto processo se irá desenrolar. Cada entrada é um segmento narrativo, uma parcela da história da viagem. E cada uma delas dá conta, não apenas do sítio onde Colombo se encontrava e da rota seguida para lá chegar, mas principalmente do significado dessa geografia concreta (isto é, dos eventos que aí tivessem lugar) no contexto mais vasto do desenrolar da experiência da viagem.

A organização da informação em moldes cronológicos, mesmo considerando que se trata de cronologias altamente sofisticadas, não constitui, em si mesma, um desvio radical em relação àquela escrita enumerativa que é característica do *Diário* até à data de 11 de Outubro, nem tampouco relativamente ao tecnicismo dos géneros náuticos que o infor-

mam⁽³¹⁾. O significado da temporalização do espaço deve ser procurado, não na mera adição de unidades de tempo ao registo espacial, mas antes na narrativização do relato da viagem. As considerações tecidas por Mary B. Campbell a propósito de uma evolução semelhante ocorrida no âmbito da literatura das viagens de peregrinação dos começos da Idade Média talvez ajudem a tornar esta distinção mais clara. Referindo-se aos itinerários das peregrinações efectuadas à Terra Santa, cujo formato se assemelhava a simples listas de locais, esta autora observa que “Na lista todos os lugares são simultâneos e perpétuos. Não mantêm qualquer relação com o viajante, mas tão-somente uma relação de distância de uns aos outros. Em nenhum sentido se pode afirmar que a lista em causa seja literatura, pois não passa de um agregado de dados. Literatura, seja ela anónima ou com assinatura, ‘popular’ ou ‘séria’, será a marca deixada nesses dados por uma mente humana, marca essa que impõe um determinado padrão de relações e que procura fazer sentido” (Campbell, 1988: 27).

Ao narrativizar a escrita náutica de cariz técnico, o Diário de Colombo impõe um padrão de relações entre as geografias do “aqui” e do “lá”, do Novo e do Velho Mundos. Assim, o que o leitor tem pela frente não é tanto uma “carta náutica em prosa” como um discurso que sofreu uma inflexão cultural e cuja finalidade é dar sentido à viagem através do relato da experiência subjectiva desta por parte do narrador. O crescente pendor narrativo das entradas do *Diário* posteriores ao avistar de terra não se limita a sugerir o facto de haver informações em maior número e de maior complexidade para registar a partir do momento em que a armada deparou com a ilha de Guanahaní. Com efeito, a passagem da fase de enumeração para a narração assinala uma mudança fundamental no modo como se conceptualizava a viagem. “Descobrir” deixou, então, de ser simplesmente encontrar algo e registar a respectiva localização, para passar a ser uma forma de conhecer aquilo que era encontrado⁽³²⁾.

⁽³¹⁾ Discurso de Rocha Pinto, segundo o qual a introdução de uma cronologia precisa nos escritos náuticos de meados do século XVI constitui uma “temporalização do espaço” que estaria ausente dos textos anteriores.

⁽³²⁾ Walter J. Ong recorda que a escrita mais antiga que se conhece — a escrita cuneiforme dos Sumérios, cujos primórdios datam aproximadamente de 3500 a.C. — é de tipo predominantemente contabilístico. Em contraste, as primeiras narrativas escritas são bíblicas e, embora lhes subjaza a intenção de funcionar como registo, o aspecto de que se revestem não é o de listas mas sim o de reconstituição de sequências coerentes de aconte-

As reacções por parte de alguns dos primeiros e mais interessados leitores de Colombo, como é nomeadamente o caso dos Reis Católicos e de Bartolomeu de Las Casas, sugerem que o texto com que depararam não era propriamente aquilo que esperavam do Almirante. Em Setembro de 1493 Isabel escreveu a Colombo a pedir a "carta de navegar" e a "pintura" que ele prometera enviar juntamente com o relato escrito da primeira viagem. A confirmação de que o material que Colombo havia remetido foi considerado insatisfatório e gerador de alguma perplexidade está no facto de uma outra carta datada do mesmo dia, e desta vez da autoria dos dois monarcas, solicitar informações náuticas suplementares "para bien enterderse mejor este vuestro libro" (33).

Uma outra pista para o grau de desvio deste texto relativamente aos géneros náuticos tradicionais é fornecida pela nomenclatura invulgar que Las Casas utilizou para se lhe referir (34). Nos comentários que tece em introdução à parte narrativa do *Diário* (com começo na entrada de 11 de Outubro), este autor refere-se à sua fonte como "libro de su [*i.e.*, de Colombo] primera navegación y descubrimiento d'estas Indias". Este passo é frequentemente citado em apoio da tese de que Las Casas terá transcrito o texto quando vivia nas Índias. Contudo, aquele que a meu ver é o seu traço mais marcante terá sempre passado despercebido. A formulação, um tanto estranha, sugere que navegação e descoberta eram consideradas actividades diferentes; mas, mais importante ainda, transparece a ideia de que, para Las Casas, se tratava de géneros distintos. O facto de este sentir a necessidade de acrescentar o epíteto "y descubrimiento" sugere que Colombo não se tinha limitado a escrever um

cimentos ao longo do tempo. Ong defende que as origens da narrativa são orais, ao invés da forma da lista, que parece ter tido origem na escrita; de facto, a actividade da escrita parece ter surgido precisamente para possibilitar que se fizessem listas. A tese deste autor é sustentada pela capacidade que a narrativa tem, independentemente de ser oral ou escrita, de transmitir acontecimentos sob a forma de experiência desses mesmos acontecimentos. Enquanto a lista é uma forma de preservar a informação, a narração, ao estabelecer relações coerentes entre determinados acontecimentos, é *simultaneamente* uma forma de registar e de compreender as experiências (Ong, 1982: 99).

(33) Carta LXXI, de 5 de Setembro de 1493 (Fernández de Navarrete, 1945: 131-33).

(34) Las Casas trabalhou sobre uma cópia do texto original submetido à Coroa. Não há certezas quanto à fonte exacta de que se terá servido, mas é quase seguro que tenha tido acesso a uma eventual cópia existente nos arquivos da família Colombo (Colombo/Varela, 1984: XVI-XVII). O texto em questão encontra-se infestado de interpolações anacrónicas. Contudo, na maior parte dos casos revela-se impossível determinar se estas se devem ao punho de Las Casas ou de alguém anterior a ele.

“libro de navegación” típico, apontando assim para o modo ou modos como o *Diário* veio forçar as linhas de demarcação dos géneros náuticos tradicionais.

Para João Rocha Pinto, o *diário de bordo* corresponde a um género cuja especialização consiste em organizar o registo escrito da viagem segundo parâmetros cronológicos bem definidos e em registar informações de carácter prático, técnico e científico relacionadas exclusivamente com a navegação propriamente dita: ventos, correntes, fenómenos atmosféricos, distâncias e rumo, variações da agulha, topografia costeira, latitudes e longitudes, etc. Por via de regra, e também de acordo com Rocha Pinto, o *diário* nada tinha a ver com a experiência geral da viagem ⁽³⁵⁾. Não é, todavia, difícil verificar que o *Diário* da primeira viagem é tudo isto — e muito mais ⁽³⁶⁾. O texto fala de pelo menos duas coisas diferentes, se bem que relacionadas entre si: por um lado, temos a história da exploração e demarcação de um espaço

⁽³⁵⁾ Segundo Rocha Pinto, a primeira menção da existência de um registo de pilotagem de carácter autónomo, com o formato do *diário* e com uma periodicidade efectivamente diária, deve-se ao testemunho de um piloto anónimo português (c. 1531-1550) em que este afirma que “Noi pilotti portoghesi abbiamo un *libro ordinario*, dove notiamo a giorno per giorno il viaggio che facciamo, e per qual vento, e in quanti gradi di declinazione e il sole” (citado por Rocha Pinto [1989: 127], que é igualmente responsável pelo sublinhado). Note-se, contudo, que a expressão *libro ordinario* faz lembrar bastante não só a já referida terminologia de Las Casas — “*libro de navegación y descubrimiento*” — como também a designação mais genérica “este vuestro *libro*”, usada pela Coroa para se referir ao texto de Colombo, muito anterior no tempo. Não se pode dizer que o exemplo aduzido por Rocha Pinto seja conclusivo no sentido de permitir que a partir dele se fixem as características e a datação de um novo género. Com efeito, é provável que a velha expressão portuguesa “livro de navegar” (em espanhol, “livro de navegación”) designasse um tipo de texto que partilharia muitas das características técnicas do futuro “diário de bordo”. O *Dicionário da linguagem de Marinha antiga e actual* define da seguinte maneira o “livro a navegar”: um livro em que o oficial de quarto registava as informações relevantes para a navegação observadas durante a sua quarta de vigia, como fossem o rumo, a distância percorrida, a hora, as terras avistadas, etc.

⁽³⁶⁾ Rocha Pinto conclui que a organização sistemática da navegação segundo parâmetros cronológicos, típica do *diário de bordo*, correspondeu a um momento de evolução ocorrido em meados do século XVI. Mas ou o *Diário* de Colombo é a prova evidente da incorrecção desta tese, ou — no caso de Rocha Pinto estar com a razão — tem de ser visto como uma inovação inaudita e anómala no contexto da literatura náutica. Uma explicação mais plausível para esta aparente contradição residirá talvez no facto de todos os textos examinados por Rocha Pinto — textos produzidos antes de meados do século XVI e de onde está ausente o rigoroso registo cronológico da navegação — terem a ver com as viagens dos Portugueses à Índia, efectuadas sobretudo em águas costeiras e quase sempre à vista de terra. É que é mais provável que as cronologias sistemáticas usadas na escrita náutica tenham tido a sua origem na necessidade de tomar regularmente o ponto durante períodos prolongados de navegação no alto-mar. A diferença fundamental que a este respeito se verifica entre o texto de Colombo e os dos navegadores portugueses que o precederam está em que o primeiro efectuou a maior parte das suas viagens marítimas em pleno oceano, longe da vista de terra.

geográfico até aí desconhecido e nunca cartografado, e, por outro, é-nos dado o significado da viagem rumo a um destino que o texto constitui como sendo um destino familiar (ou seja, já conhecido). Por outras palavras, o texto refere a navegação e a descoberta como se de operações distintas se tratasse, como de resto reconhece Las Casas. Que o espaço “desconhecido” aqui em causa era a rota e não o destino, prova-o o ‘prólogo’ quando diz:

153

Vuestras Altezas (...) pensaron de enbiarme a mí, Cristóval Colón, a las dichas partidas de India para ver los dichos príncipes (...) y ordenaron que yo no fuese por tierra al Oriente, *por donde se costumbraba andar*, salvo por el camino de Occidente, *por donde hasta oy no sabemos por cierta fe que aya passado nadie* (Colombo/Varela, 1984: 15-16, sublinhado meu).

A afirmação, por Rocha Pinto, de que a temporalização do espaço na literatura náutica só terá sido dada por completa, no mínimo, após os meados do século XVI, vem acentuar ainda mais a ideia da originalidade do relato que Colombo faz da sua primeira viagem⁽³⁷⁾. Além disso, ao contrário do diário típico, que Rocha Pinto descreve como sendo um escrito estritamente técnico, o *Diário* de Colombo mistura o relato da navegação com o seu testemunho da experiência subjectiva do espaço encontrado. A meu ver, é precisamente esse testemunho que faz dele, nas palavras de Las Casas, um “libro de navegación y descubrimiento” (sublinhado meu). O que confere significado à geografia concreta das Descobertas não são as suas coordenadas náuticas rigorosas, mas sim as relações estabelecidas pelo narrador entre o “aqui” e o “lá”. Os pedidos da Coroa para que fossem enviadas mais informações geográficas e náuticas parecem confirmar um facto evidente: a fonte do *Diário* não terá tido como preocupação exclusiva (ou sequer primária) assinalar a rota dentro dos contornos precisos de uma cartografia textual próxima da carta-portulano. A primeira viagem pelas “Índias” surge expressa em termos da experiência de uma geografia com profundas ressonâncias das ideologias cultural, política e económica dos finais do século XV. A partir da entrada de 11 de Outubro de 1492, a escrita colombina irá preterir cada vez mais o discurso técnico-náutico, em favor das

⁽³⁷⁾ Revellí deu conta deste aspecto ímpar do texto, chamando-lhe o primeiro *diário* de que há conhecimento.

modalidades discursivas que acentuam a experiência subjetiva e figurada do espaço.

Nos textos que relatam a primeira e a segunda viagens, as qualidades que descrevem a experiência da jornada são predominantemente de tipo sensorial, prático e secular. Os nomes com que Colombo assinala a superfície deste mapa verbal podem ser de origem religiosa, mas o que eles normalmente representam são semelhanças físicas entre o conhecido e o novo, e não propriamente afinidades ou significados de ordem espiritual:

Desta ysla vine a la otra de Santa María de Monsarrate, que era a la distancia de cinco leguas, tierra es mui alta y conforme a Monsarrate (*sic*, em vez de Montserrat), y desta vine de una en otra corriendo a mi camino, poniéndoles a cada una nombre, y porque asçinden a gran número, a todas juntamente las nombré de Todos los Santos ⁽³⁸⁾.

Montserrat é, no âmbito da geografia europeia, um monte de aspecto rugoso localizado a noroeste de Barcelona, onde foi erigido um mosteiro beneditino para assinalar o milagre das aparições da Virgem. Desde o século IX que o monte se tornou lugar de profunda importância espiritual e um destino muito popular entre os peregrinos que procuram a intercessão da Virgem. E, no entanto, a única explicação que Colombo dá para atribuir o nome de Montserrat a uma ilha das Caraíbas é que os seus cumes lembram fisicamente o monte catalão. Do mesmo modo, o grupo de ilhas de que esta faz parte é chamado de Todos os Santos devido apenas ao seu grande número. Assim, não só não encontramos, neste incidente, qualquer significado espiritual para o uso de nomes religiosos, como chega a raiar a irreverência a sugestão, feita por Colombo, de que o panteão dos santos católicos é de tal modo vasto que se assemelha à multiplicidade de ilhas que lhe apareceram ao caminho.

As motivações para a viagem, tais como transparecem destes relatos, revestem-se de um carácter francamente prático e profano: encontrar especiarias, ouro, e outras mercadorias. Consequentemente, a rota e o mapa traçados pelos escritos de Colombo são aqueles que o próprio Colombo acredita terem mais probabilidades de o guiar até às fontes desses produtos. Na 'Carta-Relación' de Janeiro de 1494, o Almirante explica o porquê de ter optado por

⁽³⁸⁾ 'Carta-Relación del viaje de exploración a América y colonización de la isla Española' (Colombo/Rumeu de Armas, 1989: II, 450).

uma determinada rota de exploração aquando da segunda viagem:

yo me acuerdo quel año pasado un yndio viejo, aquí en esta Ysavela, me dixo que en estas partes de los caníbales avía una ysla pequeña y que los tres quartos eran oro, y agora conforma, porque yo beo la tierra para ello dispuestas (sic).

Todas estas islas, que agora se an fallado, enbíó por pintura con las otras del año pasado y todo en una carta que yo conpuse, bien con harto trabajo por las grandes mis ocupaciones del asiento que acá se faze de la villa (Colombo/Rumeu, 1989: II, 451).

155

Ou seja, o desejo de ir à procura das ilhas dos índios caraíbas (“caníbales”), famosos pela prática da antropofagia, tem unicamente a ver com a circunstância de gozarem da reputação de povo aurífero, informação que Colombo terá ouvido a um cacique durante a primeira viagem. E de facto, a esmagadora maioria das acções empreendidas no decorrer da segunda viagem prende-se com esta demanda materialista. A própria captura de Cahonaboa — o cacique que se dizia possuir as maiores pepitas de ouro da ilha de Española, e suspeito de ter responsabilidade nas mortes de alguns dos espanhóis deixados em La Navidad durante a primeira viagem — é motivada, em última análise, pela busca de ouro, “porque sabremos dél toda la verdad y de toda la isla y de oro...” (Colombo/Rumeu, 1989: II, 481)⁽³⁹⁾. A jornada de exploração é norteadada pelos intuitos bem mundanos que presidiram a todo o empreendimento — a saber, o estabelecimento de uma colónia com vista à exploração dos recursos indígenas. E a “carta” dela resultante assinala a rota do ouro através de uma geografia textual literalmente “minada” por referências às suas riquezas potenciais: “Ya dixe que las tierras, queste viaje se an descubierto, son tantas y más quel año pasado y no de menos preço como la pintura hará manifiesto” (Colombo/Rumeu, 1989: II, 462)⁽⁴⁰⁾.

A lamentável perda (pelo menos até à data) dos diários da segunda, terceira e quarta viagens torna difícil traçar com segurança uma linha evolutiva na cartografia das

**Tierra de
Gracia**

⁽³⁹⁾ ‘Carta-Relación del viaje explorador por via terrestre, a Cibao, con diversos pormenores sobre el asentamiento y desarrollo de la colonia’, de 20 de Abril de 1494.

⁽⁴⁰⁾ “Pintar” significava desenhar numa carta náutica. Do mesmo modo, “pintura”, na terminologia náutica usada na bacia do Mediterrâneo, era sinónimo de mapa ou carta.

Descobertas, desde o cronótopo da carta-portulano — forma em que é inicialmente descrita a jornada para as Índias, no *Diário* e nas cartas da primeira e segunda viagens — até ao cronótopo espiritual de peregrinação — o qual se começa a fazer sentir a partir do momento em que Jerusalém e o Paraíso afloram à superfície do mapa verbal de Colombo. Las Casas, que teve efectivamente acesso à totalidade do *corpus* colombino, sugere precisamente essa evolução no seu resumo/transcrição do *Diário* e na 'Relación' da terceira viagem. Lendo estes dois textos em conjunto, como partes distintas mas ao mesmo tempo complementares de uma viagem de descoberta de sentido mais vasto — que foi como Las Casas as apresentou —, o que ressalta à evidência é que a cartografia textual de tipo portulano que prevalece nos relatos das primeiras viagens acaba, finalmente, por se apagar por completo, para dar lugar a uma estratégia cartográfica de natureza espiritual e figurada que situa o território continental de Paria (descoberto durante a terceira viagem) no mesmo meridiano ideológico de Jerusalém e do Paraíso. Aquilo que no *Diário* era alardeado como finalidade prática das Descobertas — que o ouro e as especiarias das Índias haveriam de pagar a cruzada destinada a reconquistar Jerusalém aos Muçulmanos — acha-se expresso em termos bastante mais místicos ao longo de todo o relato da terceira viagem. No início da 'Relación', Colombo rebaptiza o continente de Paria com o nome de "Tierra de Gracia" (Terra da Graça), para adiante lhe chamar "otro mundo" e o identificar de forma explícita com terras cujo descobrimento foi profetizado por Isaías no Velho Testamento. Não é claro, com base no texto, quais são exactamente as profecias de Isaías em causa, contudo as vagas alusões aqui presentes são posteriormente explicadas na carta a doña Juana de la Torre, escrita por Colombo à sua chegada a Espanha após a terceira viagem:

Del nuevo cielo y tierra que dezía Nuestro Padre por Sant Juan en el Apocalipsi, después de dicho por boca de Isaías, me hizo mensajero y me amostró aquella parte. (Colombo/Varela, 1984: 264)

O carácter profundo e místico desta geografia divinamente revelada surge, assim, finalmente explicado, uma vez que, nos passos bíblicos a que Colombo faz alusão, o novo céu e a nova terra são identificados com a Nova Jerusalém cuja chegada haverá de dar início à era messiânica. Nas

profecias judaicas de Isaías, a Nova Jerusalém surge definida através de um cronótopo terreno; o Messias há-de vir reinar sobre este mundo, dando assim início a um novo período da história humana. Na visão apocalíptica de São João, contudo, a Cidade Divina funciona como símbolo da salvação da humanidade, tornada possível pela Segunda Vinda de Cristo e pelo fim deste mundo ⁽⁴¹⁾. A profecia cristã caracteriza-se por um cronótopo pertencente a “outro mundo”, em que o tempo se transforma em eternidade e o Paraíso é a morada dos fiéis. No *Apocalipse*, São João apresenta uma leitura figurada de Isaías em que a Jerusalém terrena do Judaísmo é tratada como uma metáfora para a morada da alma redimida na Cidade Divina. O significado do uso que Colombo faz da mesma expressão — “nuevo cielo y tierra” — para designar a sua descoberta do território continental deve ser entendido neste sentido místico e figurado ⁽⁴²⁾.

E isso torna-se ainda mais evidente se situarmos a onomástica de Colombo no contexto da sua cartografia textual referente à terceira viagem. A terra de Paria, que Colombo rebaptizou com o nome de Tierra de Gracia e a que mais tarde se referiu como “nuevo cielo y tierra”, ganha significado através da trajectória de uma viagem figurada que teve o seu início em Espanha em 1492 — ano da queda do último reduto muçulmano, Granada, nas mãos dos Reis Católicos — e que foi pensada para culminar, não com a descoberta das Índias, mas com a reconquista de Jerusalém. No *Libro de las profecías*, manual constituído, na sua maior parte, por profecias bíblicas coligadas por Colombo a partir de fontes variadas com a ajuda do seu amigo Frei Gaspar Gorricio, a descoberta do território do continente é interpretada como o momento decisivo num itinerário profético cujo objectivo último é de ordem espiritual e não material ⁽⁴³⁾. Desta perspectiva, a proposta para a libertação de Jerusalém e para a sua restituição à Cristandade é encarada não como um fim em si, mas como passo essencial numa viagem mística

⁽⁴¹⁾ Sobre o significado de Jerusalém no contexto da tradição franciscana em que Milhou situa a ideologia de Colombo, veja-se Milhou, 1983, e em particular os capítulos III-IV.

⁽⁴²⁾ Pelas razões que adiante passarei a explicar, discordo de Juan Gil quando este, em abono da sua tese de um Colombo judeu, defende uma interpretação literal do uso que o Almirante dá à expressão bíblica “nuevo cielo y tierra”.

⁽⁴³⁾ Quanto à importância do discurso profético do *Libro de las profecías* para a formulação que Colombo dá à sua empresa, v. Milhou, 1983: 199-230, e Kadir, 1988: 329-35, mas sobretudo a obra recente deste autor, *Columbus and the Ends of the Earth*.

colectiva cujo destino (anagógicamente entendido) é a Nova Jerusalém, a Cidade Divina profetizada na Bíblia⁽⁴⁴⁾. Da mesma maneira que, para Colombo, a Jerusalém terrena tem que ser ganha por via da Índias (*i.e.*, através das suas riquezas), também a Jerusalém celeste terá que ser atingida mediante a restauração de Sião e da evangelização do resto do mundo não-cristão. É essa a viagem profética que Colombo acreditava ter sido divinamente incumbido de levar a efeito:

158

Ya dise que para la hesección de la inpresa de las Indias no me aprovechó rasón ni matemática ni mapamundos; llenamente se cunplió lo que dijo Isaías. Y esto es lo que deseo escrevir aquí por le redusir a Vuestras Altezas a memoria, y porque se alegren del otro que yo diré de Jherusalem por las mesmas autoridades, de la cual inpresa, si fee ay, tengán por muy cierto la victoria (Colombo/Varela, 1984: 280).

O *Diário* já fora explícito a este respeito: o ouro das Índias haveria de servir para libertar o Santo Sepulcro. E esse mesmo ouro, segundo as palavras de Colombo no relato da quarta viagem, haveria igualmente de conseguir a entrada no Céu (327).

Na cartografia textual da terceira viagem, as Índias não só estão no caminho figurado para Jerusalém, como também se encontram nas proximidades do Paraíso Terrestre. Uma geografia assim só pode fazer sentido no contexto de uma cartografia textual em que as coordenadas espaço-temporais são determinadas por via ideológica e não empírica. A descrição que Colombo faz da trajectória da viagem é particularmente reveladora, uma vez que traça uma linha de progressão — do Oeste (Espanha) para o Extremo Oriente (o presumível continente asiático) — que é também descrita em termos de uma subida pela encosta de um hemisfério meridional em forma de pera, em direcção ao Paraíso situado no cume, exactamente no ponto mais próximo do céu. Esta nova interpretação cosmográfica, apresentada como correc-

(44) Há uma citação no *Libro de las profecías* que explica o sentido literal e figurado de Jerusalém: "Quadruplex sensus sacre Scripture aperte insinuat in hac dictione: Iherusalem. hystorice enim significat civitatem illam terrestrem, ad quam peregrini petunt; allegorice significat Ecclesiam militantem; tropologicè significat quamlibet fidelem animam; anagogice significat celestem Iherusalem, sive patriam, vel regnum celorum" (*Raccolta*, Part I, Vol. II, 77). ["A interpretação quádrupla da Sagrada Escritura encontra-se claramente implícita na palavra Jerusalém. Numa acepção histórica, trata-se da cidade terrena para onde se dirigem os peregrinos. Alegoricamente, ela indica a Igreja no mundo. Tropologicamente, Jerusalém é a alma de todo o crente. Anagógicamente, a palavra designa a Jerusalém Celeste, pátria e reino dos céus.]

ção de Ptolomeu e de quantos achavam que a Terra era perfeitamente redonda, mostra bem até que ponto a geografia espiritual dos mapas-mundo acabou por informar a imagem cartográfica que Colombo concebeu para representar as suas descobertas. Isto, porém, não é tudo; a 'Relación' da terceira viagem desenvolve esta teoria cosmográfica, construindo toda uma complexa topografia. Colombo faz notar que a entrada no Paraíso é impossível sem a intervenção divina ⁽⁴⁵⁾. Mas quanto mais nos aproximamos dele, mais a sua influência se torna manifesta. Os atributos paradisíacos da paisagem humana e da paisagem natural vão-se intensificando à medida que o sujeito se aproxima dessa parte da Terra que é, no dizer da 'Relación', "más propincua y noble al cielo":

quando yo llegué a la isla de la Trinidad, la estrella del Norte, en anocheciendo, también se me alzava cinco grados, allí en la tierra de Gracia hallé temperaçia suavíssima, y las tierras y árboles muy verdes y tan hermosos como en Abril en la güertas de Valencia, y la gente de allí de muy linda estatura y blancos más que otros que aya visto en las Indias, e los cabellos muy largos e llanos, e gente más astuta e de mayor ingenio, e no cobardes. Entonces era el sol en Virgen, ençima de nuestras cabezas e suyas. Ansí que todo esto proçede por estar más alto en el mundo (Colombo/Varela, 1984: 214).

A trajetória efectiva da viagem, que Colombo descreve como se fosse uma subida ascendente pela encosta da Terra em direcção ao ponto mais alto desta, situado no Extremo Oriente, pode também ser lida em sentido figurado, em termos de uma ascensão espiritual ao Paraíso e à Jerusalém Celestial. A viagem de descoberta inscreve-se, assim, simultaneamente, numa cartografia textual que assinala as coordenadas de uma navegação "mundana" de exploração e comércio dirigida da Espanha para o continente das Índias (Paria) e contada numa linguagem portulana — através dos fragmentos que nos chegaram do diário da terceira viagem —, e numa outra, presente na 'Relación', que é predominantemente mística e na qual o itinerário da viagem surge simbolicamente como uma ascensão espiritual em direcção à Jerusalém celeste passando por uma geografia

⁽⁴⁵⁾ "no porque yo crea que allí adonde es el altura del extremo, sea navegable, ni agua, ni que se pueda subir allá; porque creo que allí es el Paraíso Terrenal, adonde no puede llegar nadie salvo por voluntad divina" (Colombo/Varela, 1984: 216).

com características de “outro-mundo”. O objectivo último desta trajectória — indiciado por nomes carregados de espiritualidade, como “isla de la Trinidad”, “tierra de Gracia”, “Paraíso Terrenal” — é a reconquista da Jerusalém terrena, promessa anagógica da Cidade Divina. O profundo simbolismo religioso destes nomes sugere que a expressão “otro mundo”, que tanto tem dado que fazer aos estudiosos das Descobertas, tinha para Colombo fortes conotações místicas, tal como nos relatos medievais das viagens místicas e das peregrinações a locais extra-terrenos como por exemplo o Inferno, o Purgatório e o Paraíso ⁽⁴⁶⁾.

Pode encontrar-se uma cartografia textual semelhante nas *Viagens de Sir John Mandeville*, porventura a mais lida das narrativas de viagens da Idade Média, livro que o próprio Colombo conhecia bem. Tal como em Mandeville, cuja *peregrinatione* o levou por Jerusalém e até às proximidades do “Paraíso terrestre”, também o destino figurado de que Colombo dá conta na sua ‘Relación’ era o Paraíso, objectivo último de todos os peregrinos, onde a unidade espiritual com a divindade era a maior recompensa a que a viagem terrena podia aspirar. Embora ambos os autores admitam nunca ter efectivamente entrado nesse espaço sagrado no decurso das respectivas viagens, cada um deles narra a história de uma viagem a “outro mundo”, através de uma geografia prenhe de significado espiritual. A trajectória da viagem de Mandeville leva-o “sempre para leste”, através da Terra Santa e de Jerusalém, para lá das terras, ilhas e desertos do lendário reino cristão do Preste João, para além da “região escura”, em direcção ao Paraíso. Numa espécie de imagem espelhada da viagem de Mandeville, Colombo inverte a trajectória deste, viajando para oeste e contornando o Paraíso no seu percurso anagógico rumo à Jerusalém terrestre — e, consequentemente, à Jerusalém divina. É notável a semelhança entre a descrição que Colombo faz da sua travessia com a que é oferecida por Mandeville. Mas Colombo, cuja viagem para ocidente é, de facto, a inversão exacta da viagem de Mandeville para oriente, parece dirigir-se para o Paraíso com a bênção de Deus, apesar dos perigos encontrados pela frente, e isso ao contrário do seu antecessor, que não terá ousado aproximar-se mais.

⁽⁴⁶⁾ Entre as mais famosas dessas viagens contam-se as do já referido St. Brendan (São Brandão) e de Owein. Para um estudo do género e da sua influência, ver Segre, 1984: 9-32.

Quando yo llegué a esta punta del Arenal, allí se haze una boca grande de dos leguas de Poniente a Levante la isla de la Trinidad con la tierra de Gracia, y que, para aver de entrar dentro para passar al Septentrión, avía unos hileros de corriente que atravesaban aquella boca y traían un rugir muy grande, y creí yo que sería un arrefife, de baxos e peñas, por el cual no se podría entrar dentro en ella. Y detrás d'este hilero avía otro y otro, que todos traían un rugir grande como ola de mar que va a romper y dar en peñas. Surgí allí a la dicha punta del Arenal fuera de la dicha boca, y fallé que venía el agua del Oriente fasta el Poniente con tanta furia como haze Guadalquivir en tiempo de avenida, y esto de contino, noche y día, que creí que no podría volver atrás, por la corriente, ni ir adelante, por los baxos. Y en la noche, ya muy tarde, estando al bordo de la nao oí un rugir terrible que venía de parte del austro hazia la nao, y me paré a mirar y vi levantando la mar de Poniente a Levante, en manera de una loma tan alta como la nao, y todavía venía hazia mí poco a poco y ençima d'ella venía un filero de corriente que venía rugiendo con muy grande estrépito, con aquella furia de aquel rugir [] que [] de los otros hileros que yo dixe que me parecían ondas de mar que davan en peñas, que oy en día tengo el miedo en el cuerpo que no me trabucasen la nao cuando llegasen debaxo d'ella. Y passó y llegó fasta la boca, donde allí se detuvo grande espacio. [...] Y plugo a Nuestro Señor de me dar buen tiempo, y atravesé por esa boca adentro; y luego hallé tranquilidad... (Colombo/Varela, 1984: 208).

Mas há mais, porquanto o relato prossegue com a narração da entrada em mais uma "boca" semelhante a esta, só que desta vez mais estreita, e com a continuação da viagem para ocidente, onde se lhe deparou água ainda mais doce e agradável do que ali. E depois de haver navegado uma grande distância, ainda e sempre rumo ao ocidente, "hallé unas tierras las más hermosas del mundo y muy pobladas... Llamé a este lugar Jardines". E para lá dos Jardins ficava a grande baía que continha a foz do rio Orenoco, cuja nascente Colombo julgava situar-se na fonte do Paraíso.

Aqui a narrativa da navegação propriamente dita é claramente subordinada a uma interpretação do significado simbólico da empresa. Mesmos nas partes do texto dedicadas ao relato da viagem em si, verifica-se que a cronologia exacta, a descrição da linha da costa, o registo das distâncias percorridas, dos ventos, das correntes, etc., que ajudam a determinar a progressão da armada, se vão desvanecendo perante a presença de um discurso crescentemente meta-

fórico. O efeito daí resultante é a criação de uma espécie de redemoinhos hermenêuticos que como que travam o fluir narrativo. O início da viagem, por exemplo, é relatado em pelo menos três ocasiões diferentes e de perspectivas distintas, mas quase não há menção ao seu termo e concretamente à chegada da armada à ilha de Española, onde as provisões eram ansiosamente aguardadas e onde Colombo passaria efectivamente a escrito o seu relato.

Neste ponto da narração da viagem a navegação sofre uma paragem quase total na costa da Tierra de Gracia. Impotentes, as embarcações dirigem-se para leste impelidas por uma implacável corrente de água doce que impede a armada de se afastar do continente em direcção a Española:

Y ansí levanté las anclas y torné atrás para salir al Norte por la boca que arriba dixe, y no pude bolver por la población adonde yo avía estado por causa de las corrientes que me habían desviado d'ella. Y siempre en todo cabo hallava el agua dulce y clara, y que me llevaba al Oriente muy rezio fazia las dos bocas que arriba dixe (Colombo/Varela, 1984: 211).

A descrição da força implacável das correntes em direcção ao oriente, no momento em que a armada tentava velejar para norte, assinala o ponto em que a narrativa de exploração termina e em que começa o segmento hermenêutico da 'Relación', o qual compreende a maior parte da segunda metade do texto. A partir daí o discurso irá também vogar irresistivelmente para oriente em direcção ao Paraíso. Deixando para trás a topografia real, ele irá, assim, descrever um espaço definido simbolicamente, por forma a constituir uma geografia espiritual de profundo significado místico.

"Y entonces conjeturé": esta frase começa um trecho longo, de cariz interpretativo, dedicado à explicação da importância do continente recém-descoberto, bem como da "tan noble empresa" de descobrimento que o trouxe à luz do dia. A escolha do verbo é importante, por claramente conferir ao resto do relato uma dimensão hermenêutica. O conjecturar de Colombo começa com uma preocupação de ordem cartográfica: como explicar as relações topográficas entre a ilha de Trinidad, a Tierra de Gracia, e o golfo de água doce que separa uma e outra, e que o Almirante procurou representar para os reis Fernando e Isabel no mapa que acompanhava a 'Relación'. Contudo, aquilo que inicialmente parece uma mera observação hidrográfica — o facto de a água do

golfo ser doce e correr para leste, sendo no entanto salgada mais ao largo — não é senão a primeira de uma série de observações empíricas de fenómenos reais que Colombo de facto lê como sendo sinais carregados de significado místico. Com base na autoridade facultada pelas Escrituras, por um número seleccionado de teólogos, e pela plêiade habitual de mestres seculares (Aristóteles, Plínio, Séneca, Pierre d'Ailly, Nicolau de Lira, e outros), a água doce do golfo surge interpretada como tendo origem na fonte do Paraíso Terrestre, manancial dos quatro grandes rios da Terra. Além disso, a explicação empírica e literal, segundo a qual se trataria simplesmente de um grande rio que desaguava no golfo — explicação efectivamente já aventada por Colombo num passo anterior do seu relato — é agora rejeitada com base na circunstância de o autor não crer que alguma vez se tenha visto um rio tão vasto e profundo:

Grandes indícios son estos del Paraíso Terrenal, porqu'el sitio es conforme a la opinión d'estos sanctos e sacros theólogos. Y asimismo las señales son muy conformes, que yo jamás leí ni oí que tanta cantidad de agua dulce fuese así dentro de la salada; y en ello ayuda asimismo la suavíssima temperança. Y si de allí del Paraíso no sale, parece aún mayor maravilla, porque no creo que se sepa en el mundo de río tan grande y tan fondo (Colombo/Varela, 1984: 216).

Se nos relatos da primeira e da segunda viagens a ênfase recai sobre as propriedades da escrita enquanto forma de registo, segundo uma estratégia narrativa aparentada à carta-portulano — em que a viagem se desenrola sintagmaticamente, progredindo de modo linear através da nova geografia —, a 'Relación' oferece uma exegese das descobertas recorrendo a uma interpretação dos seus espaços centrada no plano espiritual; ou, por outras palavras, optando por uma abordagem da viagem de tipo paradigmático.

Nesta história de descoberta, o elemento profético e o milagroso desempenham um papel crescentemente importante na definição da experiência que o descobridor vai tendo do espaço. A demanda secular de ouro e especiarias, tão proeminente nos relatos das primeiras viagens, vai passar a ter uma posição subalterna — ou, mais exactamente, acessória — relativamente à demanda espiritual de expiação e salvação. Olschki lembra que na cultura medieval o instinto empírico era secundário e rudimentar quando comparado com o impulso para atender prioritariamente ao sentido

simbólico ou oculto das coisas. A escrita colombina reflecte de forma crescente esta tendência medieval no sentido de preferir uma geografia hermenêutica a uma experiência geográfica de tipo empírico. Na 'Relación', o discurso da descoberta privilegia tópicos portadores de uma certa carga mística — como sejam a natureza e localização do Paraíso Terrestre e a reconquista de Jerusalém — em detrimento de interpretações mais literais e baseadas na experiência real. As bem conhecidas observações científicas de Colombo, de que são exemplo o desvio da agulha magnética, o cálculo dos eclipses lunares, a natureza das correntes equatoriais, os fenómenos astronómicos, etc., surgem recorrentemente subordinados aos *topoi* da geografia mística que informava uma parte importante do discurso cartográfico medieval. Assim, a sua rejeição, nos parágrafos finais do relato da descoberta do continente, de uma explicação de base empírica para a nascente do rio Orenoco, em favor de uma interpretação de ordem espiritual, não deve ser considerada um momento bizarro ou excepcional na história da viagem. Pelo contrário, tal rejeição assinala um ponto decisivo num itinerário anagógico cujos lugares simbolizavam estádios da progressão de um viajante a caminho do seu destino num Outro Mundo ⁽⁴⁷⁾.

A história escrita fala-nos dos feitos:

A alegoria diz-nos em que acreditar;

A moral ensina-nos a agir;

A anagogia diz-nos para onde vamos ⁽⁴⁸⁾. ■

Tradução de Ângela Maria Moreira
e João Paulo Moreira

⁽⁴⁷⁾ Já depois de ter concluído o presente ensaio, surgiu, publicada no número 33 da revista *Representations* (Inverno de 1991, pp. 221-25), uma tradução de uma proposta de investigação de Michel de Certeau subordinada ao título "Narrativas de Viagens dos Franceses no Brasil: Séculos XVI a XVIII". Embora o assunto não tenha propriamente a ver com Colombo, a metodologia esboçada por Certeau — que visa estudar estas narrativas de viagem tomando-as como uma mistura de "práticas de investigação científica e das respectivas figurações num espaço-tempo literário" — complementa a minha abordagem da escrita colombina neste capítulo. Lamentável é que Certeau não tenha vivido o suficiente para que esta sugestiva proposta pudesse ter dado os seus frutos.

⁽⁴⁸⁾ "Littera gesta docet: quid credas allegoria; moralis quid agas; quo tendas anagogia." — Jean Gerson, *In Decretis*; citado por Colombo no *Libro de las profecías*.

Referências Bibliográficas

- | | | | |
|--------------------------------|---------|--|-----|
| Ailly, Pierre de | 1930 | <i>Ymago Mundi</i> . Texte latin et traduction française des quatre traités cosmographiques de d'Ailly et des notes marginales de Christophe Colomb, 3 vols, Ed. et trad. Edmond Buron, Paris, Maisonneuve Freres et Editeurs. | |
| Amorim, A. M. | 1984 | "Temporalização do espaço versus espacialização do tempo", <i>Revista da Universidade de Coimbra</i> , 29, 259-270. | |
| Cadamosto, Luís de | 1983 | "Navegações", in José Manuel Garcia (org.), <i>As Viagens dos Descobrimentos</i> . Lisboa, Editorial Presença, 73-138. | 165 |
| Campbell, Tony | 1987 | "Portolan Charts from the Late Thirteenth Century to 1500", in J. B. Harley e David Woodward (org.s), <i>The History of Cartography</i> , Vol. I. Chicago, University of Chicago Press, 371-463. | |
| Chaves, Alonso de | 1977 | <i>Alonso de Chaves y el libro IV de su 'Espejo de Navegantes'</i> , org. P. Castañeda, M. Cuesta e P. Hernández, Madrid, Industrias Gráficas España. | |
| Colombo/Fernández de Navarrete | 1945 | <i>Colección de viajes y descubrimientos que hicieron mar los españoles desde fines del siglo XV</i> , org. Martín Fernández de Navarrete, 5 vols, Buenos Aires, Editorial Guaranía. | |
| Colombo/Lollis | 1892-94 | <i>Scritti di Cristoforo Colombo</i> , org. Cesare de Lollis, Vol. I, Pt. 1. Roma, Ministerio della pubblica istruzione. | |
| Colombo/Morison | 1963 | <i>Journals and Other Documents on the Life and Voyages of Christopher Columbus</i> , org. e trad. Samuel Eliot Morison, Nova Iorque, The Heritage Press. | |
| Colombo/Rumeu de Armas | 1989 | <i>Manuscrito del 'Libro Copiador' de Cristóbal Colón</i> , 2 vols, org. Antonio Rumeu de Armas, Madrid, Testimonio. | |
| Colombo/Varela | 1984 | <i>Cristóbal Colón. Textos y documentos completos</i> , org. Consuelo Varela, Madrid, Alianza. | |
| Colombo/West e Kling | 1991 | <i>The 'Libro de las profecías' of Christopher Columbus: an "en face"</i> . Trad. e com. Delno C. West e August Kling, Gainesville, University of Florida Press. | |
| Colombo, Fernando | 1947 | <i>Vida del Almirante Don Cristóbal Colón</i> , Mexico, Fondo de Cultura Económica. | |
| Conley, Tom | 1989 | "Montaigne and the Indies: Cartographies of the New World in the <i>Essais</i> ", 1492-1992: Re/Discovering Colonial Writing. <i>Hispanic Issues</i> , 4, 223-62. | |
| Cortesão, Armando | 1969 | <i>History of Portuguese Cartography</i> . Vol I, Coimbra, Junta de Investigações do Ultramar. | |
| de Certeau, Michel | 1984 | <i>The Practice of Everyday Life</i> , trad. Steven F. Rendall, Berkeley, University of California Press. | |
| de Certeau, Michel | 1991 | "Travel Narratives of the French in Brazil: Sixteenth to Eighteenth Centuries", <i>Representations</i> , 33 (Winter), 221-225 | |

- Guedes, Max Justo; Lombardi, Gerald (orgs.) 1990 *Portugal-Brazil: The Age of the Atlantic Discoveries*, Lisboa, Bertrand Editora.
- Leitão, Humberto; Lopes, J.; Vicente, Com. tes 1990 *Dicionário da Linguagem de Marinha Antiga e Actual*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos e Cartografia Antiga.
- Edgerton, Samuel Y. 1987 "From Mental Matrix to Mappaemundi to Christian Empire: the Heritage of Ptolemaic Cartography in the Renaissance", in David Woodward (org.), *Art and Cartography: Six Historical Essays*. Chicago, University of Chicago Press.
- 166 Fall, Yoko K. 1989 "Les cartes a rums et leur utilisation au XIV et au XV siècle", *Studia* 47, 23-39.
- Fernandes, Valentim 1939 *O manuscrito "Valentim Fernandes"*, org. António Baião, Lisboa, Academia Portuguesa de História.
- Gil, Juan 1986 "Nuevo cielo y nueva tierra: exégesis de una idea colombina", in *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez*, Vol. II. Madrid, Fundación Universitaria Española, 297-309.
- Harley, J. B.; Woodward, David (orgs.) 1987 *The History of Cartography*, Vol. I, Chicago, University of Chicago Press.
- Kadir, Djelal 1988 "Imperio y Providencia en el Nuevo Mundo: Colón y El Libro de las Profecías (1501)", *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, 14 (28) 329-335.
- Kadir, Djelal 1992 *Columbus and the Ends of the Earth: Europe's Prophetic Rhetoric as Conquering Ideology*, Berkeley, University of California Press.
- Milhau, Alain 1983 *Colón y su mentalidad mesiánica*, Valladolid, Seminario Americanista de la Universidad de Valladolid.
- Morison, Samuel Eliot 1940 *Portuguese Voyages to America in the Fifteenth Century*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.
- Morison, Samuel Eliot 1942 *Admiral of the Ocean Sea*, Boston, Little, Brown, and Co.
- Nunn, George E. 1924 *The Geographical Conceptions of Columbus. A Critical Consideration of Four Problems*, Nova Iorque, American Geographical Society.
- Ong, Walter J. 1982 *Orality and Literacy: the Technologizing of the Word*, Londres, Methuen.
- Pacheco Pereira, Duarte 1892 *Esmeraldo de situ orbis*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Pereira, G 1898 *Roteiros Portuguezes da Viagem de Lisboa a India nos Seculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Ramos Pérez, Demetrio 1981-82 *Las variaciones ideológicas en torno al descubrimiento de América. Pedro Mártir de Anglería y su mentalidad*, Valladolid, Casa-Museo de Colón.

- | | | | |
|---------------------------|------|---|-----|
| Revelli, Paolo | 1937 | <i>Cristoforo Colombo e la scuola cartografica genovese</i> , Genova, Consiglio Nazionale delle Ricerche. | |
| Rocha Pinto, João | 1989 | <i>A Viagem: Memória e Espaço. A Literatura Portuguesa de Viagens. Os Primitivos Relatos de Viagem ao Índico, 1497-1550</i> , Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora. | |
| Segre, Cesare | 1984 | "L'Itinerarium Animae nel duecento e Dante", <i>Letture Classensi</i> , 13, 9-32. | |
| Teixeira da Mota, Avelino | 1969 | <i>Evolução dos Roteiros Portugueses Durante o Século XVI</i> , Coimbra, Revista da Universidade de Coimbra. | |
| Teixeira da Mota, Avelino | 1987 | <i>O Essencial sobre Cristovão Colombo e os Portugueses</i> , Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. | 167 |
| Usodimare, Antoniotto | 1983 | "Carta", in José Manuel Garcia (org.), <i>As Viagens dos Descobrimientos</i> , Lisboa, Editorial Presença, 139-46. | |
| Waters, David W. | 1967 | <i>The Rutters of the Sea: the Sailing Directions of Pierre Garcie</i> , New Haven, Yale University Press. | |
| Woodward, David | 1987 | "Medieval Mappaemundi", in J. B. Harley e David Woodward (orgs.), <i>The History of Cartography</i> , Vol. I, Chicago, University of Chicago Press, 286-370. | |
| Zamora, Margarita | 1993 | <i>Reading Columbus</i> , Berkeley, University of California Press. | |